

MARIA JULIETA MENDES DIAS

PAZ, JUSTIÇA E INTEGRIDADE DA CRIAÇÃO

**Relatório de Projecto apresentado para
a obtenção do Grau de Mestre em
Ciência das Religiões, conferido pela
Universidade Lusófona de Humanidades
e Tecnologias**

Orientador: Prof. Doutor GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS

Co-Orientador: Mestre PAULO MENDES PINTO

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciência Política, Lusofonia e Relações Internacionais

Lisboa

2011

Fiéis à nossa herança,
atentas aos sinais dos tempos
e ao apelo da Igreja,
comprometemo-nos
ao serviço da justiça evangélica
seja qual foro nosso ministério
e o lugar onde o desempenhamos.

(Constituições das RSCM, 8)

Em todas as nossas obras e ministérios
colaboramos com a acção de Deus
para a transformação do mundo,
pelo nosso compromisso no desenvolvimento
integral
e na libertação da pessoa humana.

(Constituições das RSCM, 33)

Prosseguimos como mulheres consagradas no nosso
tempo. A nossa paixão por Jesus Cristo, pela
humanidade e pela totalidade da criação,
impulsiona-nos a tornar-nos, como Gailhac e as
nossas Irmãs fundadoras, tecedoras de esperança
e de vida para todos.

(Capítulo Geral das RSCM de 2007)

A salvaguarda da criação e a realização da paz são
realidades intimamente ligadas entre si.

(Bento XVI, Mensagem do Dia Mundial da Paz 2010)

Resumo

Relatório crítico do início de um Projecto para envolver as Religiosas do Sagrado Coração de Maria, em Portugal, no seu compromisso acerca da *Paz, Justiça e Integridade da Criação*. A matéria deste Relatório é a metodologia da preparação e realização de Jornadas sobre o assunto. Foram realizadas duas sobre *Integridade da Criação* e uma acerca da *Paz*. É um trabalho, essencialmente, prático, descrevendo e avaliando os passos seguidos na execução desta tarefa.

A parte teórica pretende, apenas, introduzir a reflexão, o debate que leve à vivência do compromisso assumido no Capítulo Geral de 2007: ensaiar uma globalização, a partir das bases; ajudar a criar uma alternativa à cultura de domínio e violência; aprofundar, cada vez mais, o sentido da interligação, da interdependência de toda a criação e suas implicações na própria espiritualidade, assim como na relação com os outros e com o ambiente.

Desde o início, todas as religiosas foram chamadas a participar activamente na própria preparação das Jornadas através de um pequeno inquérito que provocou uma reflexão individual e comunitária, cujas respostas serviram de base de trabalho nas Mesas Temáticas que fizeram parte do Programa das Jornadas. Estas, para além do aprofundamento teórico que proporcionaram, com uma conferência de fundo, alargaram o debate e confirmaram a necessidade de levar estas problemáticas à prática educativa que realizam em diversos âmbitos.

Palavras-chave: paz, justiça, integridade, criação, compromisso.

Abstract

This is a critical Report concerning the start of a Project to involve the “Religious of the Sacred Heart of Mary”, in Portugal, in their commitment regarding *Peace, Justice and Integrity of Creation*. The subject of this Report is the methodology to prepare and carry out a seminar on the matter. Two meetings were carried out about *Integrity of Creation* and one about Peace. It is basically a practical work which describes and assesses the steps to put the work into action.

The theoretical part has merely the purpose to introduce the reflection, the debate in order to live the commitment assumed on 2007 General Chapter: to practice a globalization from the basis, to help to create an alternative to a culture of domination and violence, more and more giving full attention to the meaning of interconnection and interdependence of all creation and its implications in what respects spirituality itself as well as behavior towards each other and the environment.

From the very first beginning, all the “Religious” were requested to become actively involved in the preparation of the Seminar answering a simple quiz which raised individual and communal considerations. The answers were the basis for the work done on the thematic tables making part of the Seminar Program. They have offered not only the theoretical knowledge but also have enlarged the debate and confirmed the necessity to put these issues into educational practice that the “Religious” put out in several fields.

Keywords: peace, justice, integrity, creation, commitment

Abreviaturas

RSCM > Religiosas do Sagrado Coração de Maria

IRSCM > Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria

FA SCM > Família Alargada do Sagrado Coração de Maria

JPIC > Justiça, Paz e Integridade da Criação

AT > Antigo Testamento

Miq > Miqueias (livro bíblico)

Act > Actos dos Apóstolos (livro bíblico)

Rm > Carta de S. Paulo aos Romanos

Mt > Evangelho segundo S. Mateus

Lc > Evangelho segundo S. Lucas

Jer > Jeremias (livro bíblico)

1Jo > Primeira Carta de S. João

Jo > Evangelho segundo S. João

Ecl > Eclesiastes (livro bíblico)

Prov > Provérbios (livro bíblico)

Tg > Carta de S. Tiago

Gn > Génesis (livro bíblico)

CMI > Conselho Mundial das Igrejas

Is > Isaías (livro Bíblico)

Índice

Resumo.....	3
Abstract.....	4
Abreviaturas.....	6
Introdução.....	7
I. <i>Justiça, Paz e Integridade da Criação: os conceitos estruturantes e a sua aplicação às Religiosas do Sagrado Coração de Maria.....</i>	9
1. <i>Justiça.....</i>	9
2. <i>Paz.....</i>	12
3. <i>Integridade da Criação.....</i>	19
II. Metodologia do Projecto (Descrição dos 3 passos seguidos)	26
1. Questões lançadas às Religiosas do Sagrado Coração de Maria	26
2. Elaboração de um opúsculo.....	27
3. Realização das Jornadas.....	33
III. Avaliação de cada passo.....	35
1. Questões lançadas às Religiosas do Sagrado Coração de Maria	35
1.1. <i>Paz.....</i>	35
1.2. <i>Integridade da Criação.....</i>	36
2. Elaboração do Opúsculo de suporte às Jornadas	37
3. Realização das Jornadas.....	38
Conclusão	40
Bibliografia.....	47
Anexos.....	I/V

Introdução

Apresentação e Objectivos

O Mestrado em Ciência das Religiões, para mim, não foi um objectivo a alcançar, mas um meio, uma rampa de lançamento da tarefa que me fora confiada para dinamizar as Religiosas do Sagrado Coração de Maria (RSCM), em Portugal, na linha da *Justiça, Paz e Integridade da Criação* (JPIC).

Não me seduzia um trabalho individual, meramente teórico. Propus um trabalho centrado num Projecto com aplicação prática, envolvendo, desde já, as RSCM e apresentando, como resultado final, um *Relatório Crítico*.

Aceite esta modalidade, organizei duas Jornadas de reflexão e debate: uma sobre a *Paz* (Outubro de 2008) e outra acerca da *Integridade da Criação* (Março de 2009), envolvendo o máximo de RSCM.

A realização das Jornadas – primeiro momento do Projecto – pretendia que o envolvimento das RSCM não se traduzisse na mera aquisição de conhecimentos, mas no empenhamento pessoal de cada uma na procura, em conjunto, do caminho a seguir, cuja direcção apontava para a *Justiça, Paz e Integridade da Criação*, no trabalho de educação a que se dedicam, a vários níveis e em diversos campos.

Por isso, o capítulo dos conceitos não será um estudo exaustivo, mas apenas a apresentação das noções básicas de *Justiça / Paz / Integridade da Criação*, para fundamentar e provocar a reflexão, o debate, que leve este Projecto à prática educativa. Portanto, o horizonte será sempre o compromisso das RSCM “no desenvolvimento e na libertação da pessoa humana”, como apontam as suas Constituições (nº 33), através da educação em sentido lato. Será, também, uma forma concreta de incarnar o lema que as move: *Para que todos tenham vida!*

No segundo capítulo, será apresentada a Metodologia usada na preparação e realização das Jornadas, dado que teve lugar todo um trabalho de auscultação, reflexão e síntese, antes dos eventos públicos. Neste trabalho prévio de reflexão, participaram cerca de 300 religiosas. Na montagem deste Projecto, as Irmãs deste Instituto foram o ponto de partida e o de chegada.

O terceiro capítulo será dedicado à Avaliação, em termos específicos e globais do trabalho já feito.

Depois de uma breve Conclusão, serão anexados os resultados das questões e o apoio informático da Jornada sobre a *Integridade da Criação*.

I. *Justiça, Paz e Integridade da Criação*: os conceitos estruturantes e a sua aplicação às Religiosas do Sagrado Coração de Maria

A expressão *Justiça, Paz e Integridade da Criação* abarca três conceitos que pretendemos interligar, mas que importa, num primeiro tempo, analisar isoladamente, para melhor compreender o fio que os liga, dando a cada um a amplitude que, em separado, talvez não atingissem.

1. Justiça

Explicitamente, a *justiça* não foi considerada como objecto das Jornadas. No âmbito das RSCM, desde o Capítulo Geral¹ de 1975, que a *Justiça* já não é uma opção, mas uma prioridade em qualquer situação ou circunstância das RSCM porque, “fiéis à nossa herança, atentas aos sinais dos tempos e ao apelo da igreja, comprometemo-nos ao serviço da *justiça evangélica*, seja qual for o nosso ministério e o lugar onde o desempenharmos”².

Neste contexto, a *justiça* não será abordada segundo a filosofia nem segundo a moral, mas em termos bíblicos, tendo consciência da complexidade deste conceito que, por vezes, atinge contradições ou, pelo menos, grandes dissonâncias, ao longo das Escrituras. Em termos latos, podemos olhar para o conceito de justiça, na Bíblia, em duas linhas distintas: uma, de alcance universal, parte da concepção do mundo como obra de Deus sem ter em conta qualquer povo em particular; outra, parte da justiça nas relações de Deus com Israel, seu povo. Neste trabalho, apenas será tida em conta a noção de justiça radicada na Criação³, por razões expressas no título do próprio trabalho e na relação inevitável entre as palavras que lhe dão forma: *Justiça, Paz e Integridade da Criação*.

Tendo sempre presente que o AT é uma síntese complexa, podemos afirmar, como Gerhard Von Rad:

¹ Reunião periódica do Instituto com delegadas de todos os países onde estão as RSCM. Segundo as Constituições, *é a maior autoridade interna do Instituto [...], determina objectivos e estabelece prioridades para o Instituto* (§ 55).

² Constituições das RSCM, nº8. O sublinhado é nosso.

³ Cf. Francolino J. Gonçalves, *Mundos Bíblicos*, in *Cadernos ISTA*, nº 18 – 2005, pp.7-30; *Exílio babilónico de “Israel”*. *Realidade histórica e propaganda*, Cadmo 10 (2000) 167-196; *Deux systèmes religieux dans l’Ancien Testament : de la concurrence à la convergence*, in *Annuaire de l’EPHE. Section des Sciences Religieuses*, t. 115 (2006-2007) 117-122.

“no Antigo Testamento, não existe outro conceito, com uma significação tão central para qualquer relação humana, como o da *justiça*. Não mede só as relações do ser humano com Deus, mas também as relações dos seres humanos entre si, chegando até às discórdias mais insignificantes, incluindo as suas relações com os animais e com o seu meio ambiente natural. Podemos, sem mais, designar *justiça* como o valor supremo da vida, sobre o qual descansa toda a vida quando está em ordem”⁴.

Não admira, pois, que o profeta Miqueias diga:

Já te foi revelado o que é bom, o que o Senhor requer de ti: nada mais do que praticares a justiça, amares a lealdade e andares humildemente diante do teu Deus (Miq 6,8).

A nossa palavra *justiça* não abarca toda a amplitude desse conceito bíblico, veiculado por dois termos hebraicos – *mispart e sedakah* – que podemos traduzir por: equidade, rectidão, integridade, honestidade, virtude, santidade e, também, juízo (discernimento).

No Novo Testamento,

“a *Justiça de Deus* é, por excelência, *justiça salvífica*: fiel à Aliança, o Deus Justo cumpre as suas promessas de salvação. Zela para estabelecer o que é recto e a felicidade sem, no entanto, se identificar com a *justiça comutativa* (equivalência das obrigações e das trocas). Raramente o termo é empregue para falar da *justiça judiciária* (veredicto, prescrições) ou distributiva (retribuição), nunca para falar da *justiça punitiva*”⁵.

Para Albert Nolan, “a Justiça na Bíblia é o estado de coisas em que, tais coisas, são rectas ou verdadeiras, o que quer dizer que são o que se supõe que devem ser, o que Deus quer que sejam. E a acção de praticar a justiça é a acção de pôr direito qualquer coisa que esteja torcida no mundo”⁶. É a própria ordem do mundo. É a ordem cósmica que se prolonga ou se manifesta também na cultura e nas instituições políticas e sociais.

Jesus é o Justo (Act 3, 14; 7, 52). Incarna, manifesta a justiça de Deus (Rm 1, 17; 3, 21-26) e inaugura o novo projecto histórico de construção de um mundo justo: *o reino de Deus e a sua justiça* (Mt 6, 33). Deus é *justo* porque *ajustou* tudo, interligou tudo, na originalidade de cada criatura. O Reino de Deus é o mundo da plena harmonia⁷.

⁴ *Teología del Antiguo Testamento*, Vol. I, Salamanca, Sígueme, 1978, p.453

⁵ Xavier Léon-Dufour, *Dictionnaire du Nouveau Testament*, Paris, Seuil, 1970.

⁶ Albert Nolan, OP, *La Justicia en la Biblia*, in *La Justicia y la Verdad se encontraran*, Cuadernos Verapaz, nº1, Salamanca, 1987, p. 58.

⁷ Cf. Frei Bento Domingues, O.P., *Símbolos do Sagrado na Justiça e na Religião*, in Tribunal da Relação de Lisboa, *Uma Casa da Justiça com Rosto*, p.233.

Segundo o Evangelho, praticar a justiça significa: ter compaixão, ter atitudes misericordiosas, amar o próximo. Jesus desafia-nos a imitar Deus: sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso; sede compassivos como o vosso Pai é compassivo; sede justos como o vosso Pai é justo (cf. Lc 6, 36). Compaixão/misericórdia e justiça são a própria natureza de Deus. De tal maneira que Jeremias pode dizer que a prática da justiça é o conhecimento de Deus (Jer 22, 16). Se não praticarmos a justiça, não teremos experiência de Deus porque Deus é justiça. João diz isso do amor (1Jo 4, 7-8) e diz algo, também muito semelhante, da justiça (1Jo 2, 29). Não há dicotomia entre justiça e amor na Bíblia⁸.

É esta *Justiça* que a RSCM está chamada a praticar *para que todos tenham vida e a tenham em abundância*⁹ (Jo 10,10; cf. Const. RSCM, nº7).

⁸ Cf. Albert Nolan, OP, *Op. cit.*, p.64

⁹ Lema das RSCM

2. Paz

O que é a *Paz*? Esta palavra, derivada do latim *pacem* (*absentia belli*), tem afinidades semânticas com o grego, *eirene*, com o hebraico, *shalom*, e com o árabe *aslama*¹⁰. É definida, geralmente, como um estado de calma, uma ausência de perturbações que leva à posse tranquila dos bens, da felicidade. Não é só ausência de guerra e de desordem, mas conhecimento cordial, afectuoso. Em termos bíblicos, no Antigo Testamento, não é só o *tempo de paz* em oposição ao *tempo de guerra* (Ec 3, 8), designa o bem-estar da existência quotidiana, o estado do ser humano que vive em harmonia com a natureza, com os outros, consigo próprio, com Deus, como nos indicam as raízes semânticas do hebraico e do árabe. A paz é o que está bem em oposição ao que está mal (Prov 12, 20). A paz é plenitude de felicidade. No Novo Testamento, *o fruto da justiça é semeado pacificamente para quem promove a paz* (Tg 3, 18). O *vai em paz*, dito por Jesus, é o encontro com a vida sã, salva, por quem estava doente ou tinha «pecado» (Lc 8, 48; 7, 50). Jesus torna direito o que estava torcido, repõe a integridade e isso é estar em paz¹¹: vai, já estás refeita!

Hoje, num mundo de guerras e de violências, como é o nosso, levanta-se a questão: como chegar à paz? Qual o caminho que pode levar à Paz?

Mahatma Gandhi (1869-1948) responderia: “Não existe caminho para a Paz. A Paz é o caminho”. Podemos questionar de novo: nesse caso, como entrar nesse caminho? Ou, então, como fazer esse caminho? António Machado, poeta sevilhano (1875-1939), cantava: “Faz-se caminho, caminhando”¹².

As frases feitas podem servir de bússola, de luzeiro de referência, de mola impulsionadora, como podem não passar de frases bonitas, mas estéreis, para quem as repete.

¹⁰ Cf. Paulo Mendes Pinto: “*Muslim* é o particípio activo do verbo *aslama*, palavra especializada no árabe moderno no sentido de “se tornar muçulmano”, “converter-se ao Islamismo”. É normal atribuir ao verbo *aslama* o sentido etimológico de “submissão”, e dizer que *muslim* significa literalmente “submetido (a Deus)”. Mas, de facto, a verdadeira etimologia da raiz implica uma diferença subtil: a raiz *slm* tem significado primordial de “ausência de contestação”, donde o sentido bem conhecido da palavra *salâm*, “paz”, “saúde”, no hebraico, língua próxima, *shalom*; desta forma, o verbo derivado *aslama* deveria significar “pôr-se de paz com” ou “fazer a paz”. Desta forma, num sentido muito mais abrangente, o muçulmano é, portanto, aquele que se põe de paz com Deus, que coloca a existência de Deus e o seu poder acima de tudo” (<http://cienciadasreligoes.eu/wikipedia/index.php?title=Muslim>).

¹¹ Cf. Xavier Léon-Dufour, *Paix*, in *Dictionnaire du Nouveau Testament*, Paris, Seuil, 1970

¹² *caminante, no hay camino, / se hace camino al andar*.

O conceito de *paz* como caminho iluminou Deepak Chopra¹³ a fazer o caminho que é a Paz, caminhando através de sete práticas – uma por cada dia da semana – para viver em paz e ser pacificador. Este programa de vida¹⁴ pretendia responder afirmativamente à interrogação de M. Gandhi, seu mestre: “Podemos nós ser a mudança que queremos que haja no mundo?” Pretendia, também, alimentar o sonho do poeta americano Carl Sandburg (1878-1967): “Um dia haverá uma guerra e ninguém aparecerá”.

Carl Schmitt (1888-1985) compreendia a *Paz* como meta a atingir, não como caminho, e até anunciou que estávamos muito perto dessa meta. Para ele, o século XX seria um século de *Paz*, pois já via traçados três caminhos para lá chegar: o desenvolvimento tecnológico, garantindo a sobrevivência de toda a humanidade; a ligação familiar, garantindo a boa relação entre Estados; o compromisso de toda a classe operária em causas comuns. E insistia: mesmo que falhem os dois primeiros – que haja neles um desmoronamento – o terceiro manter-se-á transitável até ao fim, pois “os soldados (operários) em vez de abrir fogo, abraçar-se-ão”¹⁵. O sonho de Carl Sandburg tornar-se-ia realidade?

Em vez disso, o século XX foi um século sangrento, desde a segunda década aos dias de hoje. Não seria porque se mantém muito vivo o ditado latino: *Si vis pacem para bellum* (Se queres a paz, prepara-te para a guerra)? Há quem diga que essa expressão não era um incentivo à guerra, mas uma exaltação à paz. No entanto, a história da humanidade demonstra que o resultado foi o desenvolvimento desenfreado da indústria bélica e a multiplicação das guerras.

No final da Segunda Guerra Mundial, essa constatação levou Dwight D. Eisenhower (1890-1969) a dizer:

“Cada arma fabricada, cada navio de guerra lançado, cada foguete disparado significa, no final das contas, um furto àqueles que sentem fome e não têm alimentos, àqueles que sentem frio e não têm agasalhos. Este mundo de armas não gasta apenas dinheiro. Gasta o suor dos seus trabalhadores, o génio dos seus cientistas, as esperanças das suas crianças”.

¹³ *A Paz é o Caminho para acabar com a guerra e a violência*, Sinais de Fogo – Publicações, Lisboa, 2007. Deepak Chopra, médico endocrinologista e natural da Índia, radicou-se nos EUA, onde se tornou uma figura de referência mundial. Foi-lhe atribuído o Prémio Einstein, pelo Albert Einstein Institute College of Medicine em colaboração com o *American Journal of Psychotherapy*. Com Oscar Arias e Betty Williams, laureados com o Prémio Nobel da Paz, fundou a *Alliance for the New Humanity*, uma organização empenhada na justiça social, na liberdade económica, no equilíbrio ecológico e na resolução de conflitos.

¹⁴ *Ibidem*, pp. 285-293: Domingo: Ser pela Paz; Segunda-feira: Pensar pela Paz; Terça-feira: Sentir a Paz; Quarta-feira: Falar pela Paz; Quinta-feira: Agir pela Paz; Sexta-feira: Criar pela Paz; Sábado: Partilhar pela Paz.

¹⁵ Notas de Maria Julieta, RSCM, a partir da Conferência de Dr. Guilherme d'Oliveira Martins, na Jornada sobre a *Paz* (Lisboa, 2008.10.25) e que estão na base do resumo que se segue.

Talvez Gandhi esteja mais perto da sabedoria, fazendo da *Paz* caminho para o desenvolvimento que garanta, universalmente, a dignidade humana; caminho para as boas relações entre indivíduos e Estados; caminho que leve toda a classe operária a comprometer-se em boas causas comuns; caminho para a *Integridade da Criação*.

As sete práticas de Deepak Chopra, para os sete dias da semana, poderão evocar a semana bíblica da Criação: a cada dia correspondia uma tarefa, cujo resultado final foi muito bom: a «Criação» harmoniosa do *céu e da terra com tudo aquilo que contém*, a partir do Caos inicial (Gn 1, 31).

Sete foram, também, os pontos que teceram a Conferência da Jornada sobre a *Paz*¹⁶.

1. A Paz não é uma ausência de tensões, de conflitos, de diferenças, nem sequer é mera ausência de guerra. Essa seria o que, normalmente, se chama a «paz dos cemitérios». Percorrer a Paz exige uma vigilância constante para detectar as causas das tensões, dos conflitos, das diferenças que fazem parte de qualquer sociedade. Exige construir a paz dentro de nós para pacificar as tensões e os conflitos e para descobrir as riquezas que as diferenças podem trazer em vez de ver nelas, apenas, ameaças. Então, a *Paz dos corações*, paz dinâmica, não será sinónimo da *paz dos cemitérios*, mas de uma criação harmoniosa.
2. Percorrer a Paz implica trabalhar num desenvolvimento – económico, social e cultural – que, em vez de excluir, proporcione uma distribuição equitativa dos recursos; que, em vez de edificar barreiras, guetos, gerando separações e medos, saiba regular a conflitualidade própria da condição humana. Será uma boa forma de criar *condições de Paz*.
3. Percorrer a Paz exige viver a justiça, isto é, respeitar a dignidade humana de cada pessoa nos seus direitos fundamentais: liberdade de consciência e pensamento, igualdade equitativa de oportunidades e princípios que satisfaçam as necessidades básicas. Este caminho é feito, caminhando pela *justiça assumida como valor, como objectivo e como exigência*.

¹⁶ Dr. Guilherme d'Oliveira Martins, Lisboa, 25. 10. 2008. O que se segue é um breve comentário a partir dos sete pontos desenvolvidos pelo conferencista.

4. Percorrer a Paz – caminho sempre em construção – implica criar a necessidade do *diálogo* entre pessoas, sociedades, Estados, Religiões, civilizações e culturas para estabelecer as boas e múltiplas relações de convivência. Isto não acontece na ignorância. É preciso procurar um conhecimento mútuo. Neste mundo globalizado, torna-se imprescindível a convivência nas diferenças trazidas pelas políticas, pelas culturas, pelas religiões. No diálogo entre as Religiões é fundamental conhecer o fenómeno religioso na sua essência. Como observa Hans Küng:

“Não haverá paz entre as nações sem paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões sem *diálogo* entre as religiões. Não haverá *diálogo* entre as religiões sem critérios éticos globais. Não haverá sobrevivência do nosso planeta sem um ethos global, um ethos mundial”¹⁷.

5. Percorrer a Paz convida à recusa do pacifismo ingénuo porque, normalmente, ele brota da indiferença e do egoísmo. O caminho que é a Paz não pode ser assegurado pela indústria bélica. É necessário, porém, encontrar *estratégias de defesa* por meio da não-violência activa que nada tem de pacifismo ingénuo, mas também não pede a «preparação da guerra»¹⁸.
6. Percorrer a Paz exige a responsabilidade recíproca entre todos os seres humanos, entre todos os povos, no desenvolvimento dos *valores humanos* – a verdade, a justiça, o amor, a liberdade – sempre em construção inacabada.
7. João XXIII (Papa de 1958 a 1963), no seu último ano de pontificado, deixou um excelente instrumento de trabalho que pode constituir uma ajuda no percurso que é a Paz, lembrando que a vida humana se situa entre dois pólos: o profético e o político. Este imediatista, circunscreve-se no presente e aquele visa o horizonte, garante o futuro deste caminho transitável: a *Pacem in terris*¹⁹.

De acordo com o testamento de Alfred Nobel (1833-1896), em 1900 foi criada a *Fundação Nobel* para atribuir cinco prémios em áreas distintas: Química, Física, Medicina, Literatura e Paz Mundial. O Prémio Nobel da Paz deveria distinguir “a pessoa que tivesse

¹⁷ *Declaração para uma Ética Mundial*, aprovada pelo Parlamento Mundial das Religiões, em Chicago, em 1993.

¹⁸ Lanza del Vasto é um bom exemplo desta estratégia de defesa: a não-violência activa. Ver a sua *Peregrinação...*

¹⁹ In *Dez grandes Mensagens*, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 1974, pp. 253-315

feito a maior ou melhor acção pela fraternidade entre as nações, pela abolição e redução dos esforços de guerra e pela manutenção e promoção de tratados de paz”. Foi entregue, pela primeira vez, em 1901.

Até hoje, o Prémio Nobel da Paz foi atribuído a onze mulheres: Bertha Von Suttner, em 1905 (checoslovaca, amiga de Alfred Nobel e de quem terá partido a ideia, em 1892, da criação de um prémio que enaltecesse as pessoas que trabalham pela paz); Jane Addams, em 1931 (norte-americana, partilhou o Prémio com Nicholas M. Butler); Emily Bach, em 1946 (norte-americana); Betty Williams e Mairead Corrigan, em 1976 (irlandesas); Madre Teresa de Calcutá, em 1979 (albanesa, naturalizada indiana); Alva Myrdal, em 1982 (sueca); Aung San Suu Kyi, em 1991 (asiática); Rigoberta Menchu, em 1992 (guatemalteca); Jody Williams, em 1997 (norte-americana); e Wangari Maathai, em 2004 (Queniana).

O Papa Paulo VI, em finais de 1967, instituiu o *Dia Mundial da Paz*:

“Dirigimo-nos a todos os homens de boa vontade, para os exortar a celebrar o «Dia da Paz», em todo o mundo, no primeiro dia do ano civil, 1 de Janeiro de 1968. Desejariamos que depois, cada ano, esta celebração se viesse a repetir, como augúrio e promessa, no início do calendário que mede e traça o caminho da vida humana no tempo que seja a Paz, com o seu justo e benéfico equilíbrio, a dominar o processar-se da história no futuro”²⁰.

João Paulo II (Papa de 1978 a 2005) dedicou a Mensagem do Dia da Paz, de 1995, às mulheres educadoras da Paz:

“É tempo de passar das palavras aos actos: os cidadãos e as famílias, os crentes e as Igrejas, os Estados e os Organismos Internacionais, sintam-se todos chamados a meter mãos, com renovado esforço, à promoção da paz! [...] Educar para a paz significa abrir as mentes e os corações ao acolhimento dos valores indicados pelo Papa João XXIII, na Encíclica *Pacem in terris*, como basilares para uma sociedade pacífica: a verdade, a justiça, o amor, a liberdade. [...] Nesta perspectiva, desejo dirigir a minha Mensagem para esta Jornada da Paz sobretudo às mulheres, pedindo-lhes que se tornem educadoras de paz com todo o seu ser e todo o seu agir: sejam testemunhas, mensageiras, mestras de paz entre as pessoas e as gerações, na família, na vida cultural, social e política das nações, especialmente nas zonas de conflito e de guerra. Possam continuar o caminho para a paz, iniciado, já antes delas, por muitas mulheres corajosas e clarividentes!”²¹.

²⁰ http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/messages/peace/documents/hf_p-vi_mes_19671208_i-world-day-for-peace_po.html

²¹ http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_08121994_xxviii-world-day-for-peace_po.html

Ainda em 1995, também a *Quarta Conferência das Nações Unidas sobre as Mulheres* adota a *Declaração de Pequim* pela *Acção para Igualdade, Desenvolvimento e Paz*, dizendo que estão determinados a:

“Garantir a todas as mulheres e meninas todos os direitos humanos e liberdades fundamentais, e tomar medidas eficazes contra as violações desses direitos e liberdades; Adoptar as medidas que sejam necessárias para eliminar todas as formas de discriminação de mulheres e meninas, e suprimir todos os obstáculos à igualdade entre os sexos e ao avanço e à promoção da expansão do papel da mulher; [...] Promover a independência económica das mulheres, incluindo o emprego, e erradicar a carga persistente e cada vez maior de pobreza que recai sobre as mulheres, combatendo as causas estruturais dessa pobreza mediante mudanças nas estruturas económicas, garantindo a igualdade de acesso a todas as mulheres, incluindo aquelas das zonas rurais, que são agentes vitais do desenvolvimento, aos recursos produtivos, oportunidades e serviços públicos; Promover um desenvolvimento sustentável centrado na pessoa, incluindo o desenvolvimento económico sustentado, mediante o ensino básico, a educação durante a vida toda, a alfabetização e a capacitação, e o atendimento básico de saúde a meninas e mulheres; Adoptar medidas positivas para garantir a paz para o avanço das mulheres e, reconhecendo a função importante que as mulheres têm desempenhado no movimento pela paz [...]; Prevenir e eliminar todas as formas de violência contra as mulheres e as meninas; Garantir a igualdade de acesso e a igualdade de tratamento de homens e mulheres, à educação e ao atendimento de saúde [...]; Desenvolver o pleno potencial das mulheres e meninas em todas as idades de poder garantir sua plena participação, em condições de igualdade, na construção de um mundo melhor para todos e de promover seu papel no processo de desenvolvimento. Pela presente [Declaração], nos comprometemos, na qualidade de Governos, a aplicar a seguinte «Plataforma de Acção» de modo a garantir que todas as nossas políticas e programas reflectam uma perspectiva de género. Insistimos ao sistema das Nações Unidas, às instituições financeiras regionais e pertinentes, a todas as mulheres e a todos os homens, assim como às organizações não-governamentais, com pleno respeito por sua autonomia, e a todos os sectores da sociedade civil que, em cooperação com os governos, se comprometam plenamente e contribuam para a implementação desta «Plataforma de Acção»”²².

A *International Alert*,²³ uma organização não-governamental com sede em Londres, encontra-se a promover uma campanha mundial denominada “Mulheres Construindo a Paz: do Conselho de Aldeia à Mesa das Negociações”, que tem como objectivo assegurar a participação plena e activa das mulheres em todos os níveis dos processos de construção da paz, incluindo as negociações.

²² http://www.iciieg.cv/files/00370_declara.pdf

²³ www.inde.pt

Para muitas pessoas, a guerra é vista como algo masculino e a paz como feminino. Na verdade, homens e mulheres precisam de trabalhar juntos para construir a verdadeira paz, como diz Dalai Lama (1935-), 14º líder religioso do Budismo tibetano.

Para as RSCM, a referência fundadora é Appollonie Pélissier Cure (1809-1869) como primeira religiosa do Instituto que, em 1849, foi criado para acolher mulheres e crianças excluídas da sociedade, respondendo às necessidades desse tempo. Herdeiras do legado da Mère Saint-Jean – seu nome em Religião – devem ser, hoje,

“Mulheres que escutam as vozes silenciadas e que caminham com os marginalizados, a fim de fazer surgir uma globalização a partir das bases, (...) e ajudar a criar uma alternativa à cultura de domínio e violência, com uma nova definição de comunidade – uma erupção de compaixão e solidariedade” (Capítulo Geral 2007).

3. Integridade da Criação

A ideia de *Criação* evoca o resultado de uma acção divina, sobretudo a partir das narrativas bíblicas: a organização do Caos. Não vamos enveredar pelas várias teorias da origem do mundo, do universo, do cosmos, mas ter como referencial as narrativas do Génesis que não são de ordem científica. São textos religiosos de natureza mítica em linguagem poética. Não são uma história científica das origens, mas a apresentação da harmonia do mundo, fruto de Deus que não deixou o universo na confusão e no caos. Do caos fez surgir um cosmos, uma realidade ordenada e harmoniosa²⁴

O âmbito deste trabalho não pertence à área das ciências, mas à do comportamento humano situado no conjunto desse Universo. A noção de *integridade*, isto é, o universo ajustado na sua totalidade, implica uma forte interdependência para que seja possível a harmonia e a plenitude entre todos os seres, para que haja um equilíbrio de forças.

Em termos cristãos, a percepção de que é necessário debater as questões que se colocam às ciências da fé e às da natureza foi desperta na Conferência sobre o *Meio Ambiente*, promovida pelas Nações Unidas em Estocolmo, em 1972, tendo sido convidada a participar a Comissão das Igrejas para os Assuntos Internacionais do Conselho Mundial de Igrejas (CMI).

No entanto, só na década de 80 as Igrejas começaram a sentir a urgência em enfrentar a problemática da «Criação» e da responsabilidade cristã para com ela.

De facto, foi em 1989, na Assembleia Eclésiástica Europeia, em Basileia, que apareceu, pela primeira vez, no tema da própria Assembleia: *Paz e Justiça para a Criação Inteira*. Em 1990, o Congresso Mundial do CMI, realizado em Seul, teve como programa: *Paz, Justiça e Salvaguarda da Criação*. Em 1991, a Assembleia Geral do CMI, em Camberra, continuou o programa de Seul. Em 1994, o Núcleo Central do CMI, na África do Sul, decidiu que uma das quatro Unidades de Serviço do Conselho se chamaria, precisamente, *Paz, Justiça e Integridade da Criação* e se ocuparia, de forma regular e sistemática, de toda esta questão²⁵.

Os Franciscanos foram, no mundo católico, os primeiros a assumir um trabalho sistemático a favor da *Paz, Justiça e Integridade da Criação*. Hoje, praticamente todas as

²⁴ Cf. Frei Bento Domingues, *Op. cit.*, p.233

²⁵ Cf. René Coste, *A Dinâmica Eclésiástica “Justiça, Paz, Preservação da Criação”* (PJPC), in *Concilium* 236 (1991/4), pp.23-35

Congregações Religiosas têm grupos com o objectivo de provocarem um trabalho capilar nesta área.

Bento XVI, na sua Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2010, faz a correlação da *paz* e da *integridade da criação*, dando-lhe o seguinte título “Se quiseres cultivar a paz, preserva a criação”²⁶.

As RSCM, no Capítulo Geral de 2001, assumem o compromisso da criação de uma Rede *Justiça, Paz e Integridade da Criação* (JPIC) como forma de trabalharem, neste mundo globalizado, segundo a *justiça evangélica*, inerente à própria missão, em fidelidade ao espírito e carisma das origens²⁷. Os objectivos desta Rede abarcam quatro áreas: usar o dom da internacionalidade, estabelecendo ligação concreta, umas com as outras, para agirem numa resposta corporativa às questões globais da justiça, paz e integridade da criação; promover o trabalho pela justiça, paz e integridade da criação, dentro do Instituto, especialmente nos aspectos que afectam, negativamente, as mulheres e as crianças; desenvolver uma auto-educação, envolvendo-se num diálogo sobre questões globais relacionadas com a justiça, paz e integridade da criação; colaborar, nesta linha, com outros grupos a nível global, nacional e local.

A construção da Rede é da responsabilidade de todas as RSCM, mas a sua engrenagem exige uma Coordenadora, a nível de Instituto, e de Animadoras, a nível de Província/Região²⁸, para facilitar e promover a realização dos objectivos.

No Capítulo Geral de 2007 reassumem o compromisso de trabalhar neste campo, vivenciando a interdependência cósmica:

“As descobertas sobre o universo e a natureza da evolução do cosmos oferecem-nos novos horizontes. Impulsionam-nos a transcender as nossas fronteiras pessoais, provinciais e nacionais pela causa da solidariedade global e harmonia com o universo. A nossa crescente consciência da interligação de toda a criação desafia-nos a aprofundar a nossa visão e a integrar este novo conhecimento no nosso carisma, vida e missão como RSCM”.

Por isso, “queremos compreender cada vez mais profundamente a interligação de toda a criação e integrar essa consciência no modo de viver a nossa espiritualidade num contexto global”.

²⁶ http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20091208_xliii-world-day-peace_po.html

²⁷ Cf. Opúsculo, pp. 27-31

²⁸ Em termos de organização, o Instituto das RSCM é constituído por um Conselho Geral e por Províncias/Regiões, presididas por uma Provincial/Regional, unidades autónomas, prestando contas ao Conselho Geral, eleito em Capítulo Geral, órgão máximo do Instituto.

Verónica Brand, RSCM, fez a conferência da Jornada sobre a *Integridade da Criação*, falando e ilustrando a *Nova Cosmologia*²⁹, isto é, a nova compreensão deste universo que habitamos: um universo muito *velho*, incompreensivelmente *grande*, profundamente *dinâmico* e *envolvente*, *interligado de forma complexa*. Através dos princípios dinâmicos primários – diferenciação, interioridade/subjectividade, interligação/comunhão – ajudou a fazer a viagem no tempo e no espaço, lembrando os sinais actuais que podem levar à destruição deste universo: mudança do clima, declínio em segurança nutricional / diminuição da colheita, desertificação, crise de saúde, escassez de água, biodiversidade reduzida, aumento do nível de extinção de espécies, ameaças à vida, aumento do número dos refugiados, aumento da pobreza, inundações... Lembrou também a *Carta da Terra* (2000):

“Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência em face da vida, pelo compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, a intensificação da luta pela justiça e pela paz e a alegre celebração da vida”³⁰.

²⁹ Nas Jornadas foram abordadas algumas teorias: A “velha” e a “nova” visão cosmológica, o Criacionismo, o Evolucionismo, o Desígnio Inteligente com as respectivas variantes, embora de forma muito iniciática.

³⁰ Segundo Leonardo Boff, «a sociedade mundial vive no olho de uma incomensurável crise de sentido e de falta de rumo histórico. Não sabemos para onde vamos. Os sonhos e as utopias morreram, o que tem deixado as sociedades e as pessoas sem fundamento. Somos entregues ao sistema económico dominante que de tudo faz mercadoria, regendo-se por feroz competição e não por laços de cooperação.

«Há dois pensadores que nos ajudam a entender esta crise, Max Weber e Friedrich Nietzsche. Weber caracteriza a sociedade moderna pelo processo de secularização e pelo desencantamento do mundo. Não que as religiões tenham desaparecido. Elas estão aí e até voltam com renovado fervor. Mas não são mais elo de coesão social. Agora predominam a produção e a função e menos o valor e o sentido. O mundo perdeu seu encanto. Nietzsche anunciou a morte de Deus. Mas há que se entender bem Nietzsche. Ele não diz que Deus morreu, senão que nós o matamos. Quer dizer: Deus está socialmente morto. Em seu nome não se cria mais comunidade nem se funda coesão social.

«Por milhares de anos era religião que ligava e re-ligava as pessoas e criava o laço social. Agora não é mais. Isso não significa que agora impera o ateísmo. O oposto à religião não é o ateísmo mas a ruptura e a quebra da relação. Hoje vivemos coletivamente rompidos por dentro e desamparados. Praticamente nada nos convida a viver juntos e a construir um sonho comum. Entretanto, a humanidade precisa de algo que lhe confira um sentido de viver e que lhe forneça uma imagem coerente de si mesma e uma esperança para o futuro.

«É neste contexto que deve ser vista a *Carta da Terra*, documento nascido das bases da humanidade. Já foi assumida pela Unesco no ano 2000 e a ideia é que seja incorporada pela ONU à Carta dos Direitos Humanos. A Carta da Terra reúne um conjunto de visões, valores e princípios que podem reencantar a sociedade mundial. Coloca em seu centro a comunidade de vida à qual pertencem a Terra e a Humanidade que são momentos do universo em evolução. Todos os problemas são vistos interdependentes, os ambientais, os sociais, os económicos, os culturais e os espirituais, obrigando-nos a forjar soluções incluídas.

«O desafio que a situação atual do mundo nos impõe é este segundo a Carta: ou formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros ou então arriscar a nossa destruição e a devastação da diversidade da vida. Dois princípios visam viabilizar esta aliança: a sustentabilidade e o cuidado. A sustentabilidade se alcança quando usamos com respeito e racionalidade os recursos naturais pensando também nas futuras gerações. E o cuidado é um comportamento benevolente, respeitoso e não agressivo para com a natureza, que permite regenerar o devastado e zelar por aquilo que ainda resta da natureza, da qual somos parte e com um destino comum.

Quando a ciência moderna ainda não fazia parte do conhecimento quotidiano – narrativa bíblica da Criação – já o ser humano procurava explicações da Vida que está em nós e à nossa volta, como trama que tece o existir na sua totalidade. O mito, a poesia, tentam sugerir o mistério dessa Vida. Não é da ordem das ciências, ditas «exactas» ou humanas, mas também não o podemos situar no obscurantismo, pois dá muito que pensar e até provocar vários tipos de conhecimento, como por exemplo, filosófico, linguístico, antropológico, etc.

O ser humano situado no Cosmos – considerado mesmo um micro-cosmos – é, muitas vezes, o centro do universo que domina; outras, está perante forças da natureza que o ultrapassam e o dominam. No entanto, a percepção bíblica é a da harmonia que Deus fez – tudo estava ajustado – e que tanto pode ser danificada pela acção humana, não respeitando os ritmos, os tempos, as diferenças e as semelhanças de tudo o que existe, como pode ser beneficiada com o seu poder transformador exercido para cuidar, tratar do *jardim* que é a Terra, a sua casa (*oikos*).

O «tempo» das origens plasmado em sete dias, sendo o último para descansar, não será a intuição de que o ser humano, para garantir a justeza primordial, tem obrigações para com esta Terra que habita? Garantir a *integridade da criação*, a harmonia cósmica, a *justeza* dos começos, não passará por *não comer o fruto da árvore que está no meio do jardim* (Gn 2, 17; 3,3)? Esta proibição é um símbolo ético para dizer que o ser humano não pode fazer tudo o que lhe apetece. Há limites que não pode ultrapassar se quiser garantir o futuro.

Na primeira narrativa da Criação – marcada pela cadência do tempo semanal – o ser humano é criado no sexto dia, recebe a incumbência de ser fecundo, enchendo a terra e dominando-a. Termina com a bênção do sétimo dia, dia do descanso, o *sabbat*, depois de verificar que tudo *era muito bom*; tudo estava no seu justo lugar e proporção (Gn 1 – 2, 4a). Na segunda narrativa (Gn 2, 4bss) não há essa cadência. O homem é criado e colocado num jardim, no *Éden*, para ser o seu cultivador, transformador e guardião, mas nesta, ao contrário da primeira, constata-se que nem tudo era bom: não era bom que comesse da

«Estes dois princípios fundam como diz a Carta da Terra um modo de vida sustentável. Eles permitem um desenvolvimento que atenda as necessidades de todos os seres vivos e ao mesmo tempo garanta a integridade e a capacidade de regeneração da natureza.

«Devemos viver um sentido de responsabilidade universal. O futuro da Terra e da Humanidade está agora em nossas mãos», in: www.leonardoboff.com

árvore do conhecimento do bem e do mal, não era bom que estivesse só. Para superar esta última lacuna, apareceu a mulher e, acerca da árvore, resultou uma proibição.

Para Fabrice Hadjadj, na narrativa do Éden, não se faz menção do *sabbat*.

“No entanto, há o que se poderia chamar um *sabbat* da terra porque é dito que o homem poderá comer o fruto de todas as árvores, excepto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Há uma árvore que é deixada em repouso. Há uma árvore sabática. Há uma árvore que escapa ao poder do homem. E a estrutura é a mesma: em todos os outros dias, podereis trabalhar, mas no sétimo, deveis estar em repouso; de todas as outras árvores do jardim, podereis comer, mas nesta não tocareis. Portanto, finalmente, a menção do *sabbat* encontra-se neste não-poder, de qualquer maneira, nesta reserva à volta da árvore do conhecimento do bem e do mal, não se deve tocar. Talvez o conhecimento, a própria sabedoria, esteja neste não-poder, nesta privação. A árvore é a árvore do *sabbat* e o conhecimento que ele nos dá é, precisamente, deixar esta árvore sem lhe tocar. Pode-se tocar em tudo o resto! Mas há um lugar que é reservado, que é um lugar de renúncia”³¹.

A tarefa do ser humano não é explorar a terra, mas trabalhá-la para melhor a poder fruir. Não tem de ter uma concepção quietista da vida nem de consumista a todo o custo, no entanto, a integridade da criação exige imperativos éticos porque se trata de uma integridade de equilíbrios.

A ciência, embora não tenha encontrado uma teoria irrefutável da origem do universo, mostra-nos a inter-relação, a interdependência, a ligação dos organismos vivos ao seu meio ambiente.

Por outro lado, os modelos de desenvolvimento adoptados, baseados no desejo de progresso ilimitado, sobretudo a partir do século XVIII, evidenciam a insustentabilidade desse desenvolvimento. A natureza não o suporta. A partir da Revolução Industrial, a velocidade constante de produção, o avanço do mundo urbanizado e a poluição das actividades bélicas e industriais não respeitam a capacidade regenerativa dos recursos naturais renováveis e ameaçam esgotar os não renováveis.

A crise generalizada, identificada pelas ciências e reflectida na sociedade, pode ser entendida como ameaça ou como oportunidade. As ameaças já são mais do que evidentes, mas as crises, na sua própria noção, são também oportunidade, tempo de discernimento, de fazer memória e perspectivar o futuro, para que o Universo seja, efectivamente, o jardim da vida e não transformado em lugar da morte.

³¹ Fabrice Hadjadj, *Le Sabbat de la Terre*, in http://aes-france.org/le_sabaat-de-la-terre.html. Faz interpretações interessantíssimas dos textos relacionados com o Sábado.

E se a harmonia das origens não tiver sido algo perdido, mas horizonte a alcançar através de uma acção de respeito, cuidado e desenvolvimento da terra como uma bela habitação (*oikos*) do ser humano? Seria a nossa oportunidade de colaborar na criação da *Natureza Inacabada*, como sustenta Francisco J. Ayala³². Esse horizonte levar-nos-ia ao Reino onde o bem de uns não poderá ser a desgraça de outros, mas onde existe uma convivência harmoniosa que vem de uma concepção holística: a natureza existe em formas distintas e ligadas, como um todo, da qual o ser humano é o rei criado à imagem de Deus, Rei do Universo, que zela pela harmonia global³³. É o sonho de Isaías:

Brotará um rebento do tronco de Jessé, e um renovo brotará das suas raízes. Sobre ele repousará o espírito do Senhor: espírito de sabedoria e de entendimento, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de ciência e de temor do Senhor. Não julgará pelas aparências nem proferirá sentenças somente pelo que ouvir dizer; mas julgará os pobres com justiça, e com equidade os humildes da terra; ferirá os tiranos com os decretos da sua boca, e os maus com o sopro dos seus lábios. A justiça será o cinto dos seus rins, e a lealdade circundará os seus flancos. Então, o lobo habitará com o cordeiro e o leopardo deitar-se-á ao lado do cabrito; o novilho e o leão comerão juntos e um menino os conduzirá. A vaca pastará com o urso e as suas crias repousarão juntas; o leão comerá palha como o boi. A criancinha brincará na toca da víbora e o menino desmamado meterá a mão na toca da serpente. Não haverá dano nem destruição em todo o meu santo monte, porque a terra está cheia de conhecimento do Senhor, tal como as águas que cobrem a vastidão do mar (Is 11, 1-9).

Clemente de Alexandria diz que paz e justiça são sinónimos³⁴. Pelo exposto, tanto a paz como a justiça supõem a integridade. Então, nada faltava à expressão *Paz e Justiça para a Criação Inteira*, da Assembleia Ecuménica Europeia, em Basileia, de 1989.

Levar estes conceitos ao seu projecto educativo será tarefa das RSCM com todos os seus colaboradores, não esquecendo que uma tal educação tem, necessariamente, duas fases: a pedagogia e a auto-educação da paz e da justiça que é integridade.

Maria Montessori (1870-1952) foi pioneira na pedagogia da paz que, neste contexto, pode ser facilmente adaptada: o problema da paz – o problema da justiça, da integridade – é o problema da educação e o problema do ser humano. Dito de outra maneira: é um problema antropológico e não somente pedagógico. Para esta pedagoga, a educação tem seis vertentes: 1) educação à autonomia e à liberdade; 2) educação à

³² *A natureza Inacabada*, Dinalivro, Lisboa, 1998

³³ Cf. Frei Bento Domingues, *op.cit.*, p. 233

³⁴ Strom. 4, 25

integração pessoal; 3) valorização das potencialidades e da construção da personalidade; 4) educação ao amor e não à possessão; 5) educação pela humanidade inteira, numa perspectiva planetária, universal e cósmica; 6) educação ao futuro e à mudança, apoiando-se na esperança representada pela criança³⁵.

O programa da UNESCO, *Aprender para o século XXI*, coordenado por Jacques Delors, destaca quatro pilares da educação com futuro: aprender a conhecer, aprender a actuar, aprender a viver juntos e aprender a ser³⁶.

Estas duas visões sobre educação não diferem muito, talvez só em número, e poderão inspirar um projecto educativo eficaz. Importa, no entanto, ter muito presente que *a educação para a paz, para a justiça, para a integridade, deve acabar na auto-educação para a paz, para a justiça, para a integridade*. Esta auto-educação é o esforço de toda a vida de adulto para concretizar a antropologia da paz, da justiça, da integridade, como um ideal de vida em humanidade e assumida deliberadamente para promover uma humanidade pacífica, fraterna, íntegra³⁷.

No Capítulo Geral citado (2007), as RSCM assumem:

“Prosseguimos como mulheres consagradas do nosso tempo. A nossa paixão por Jesus Cristo, pela humanidade e pela totalidade da criação, impulsiona-nos a tornar-nos, como Gailhac e as nossas Irmãs fundadoras, tecedoras de esperança e de vida para todos”.

³⁵ Cf. René Coste, *Théologie de la paix*, Paris, Cerf, 1997, p.360

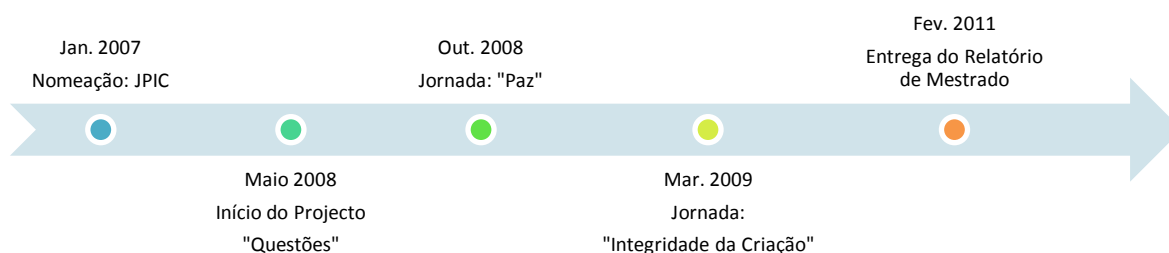
³⁶ Cf. Cadernos UNESCO. Série Educação, volume 9, in <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001335/133539por.pdf>

³⁷ Cf. René Coste, *Op. cit.*, p. 363.

II. Metodologia do Projecto

O principal objectivo do Projecto era o envolvimento do maior número de irmãs desde o início. Passarei, pois, a descrever a forma como decorreu a preparação e a realização das Jornadas sobre a *Paz* e sobre a *Integridade da Criação*. Este segundo tema foi, para muitas irmãs, completamente novo.

Antes, porém, convém lembrar os antecedentes deste Projecto: em 2007 fomos nomeadas Animadora JIPC para a Província Portuguesa com a incumbência de levar à prática os mandatos do Capítulo Geral 2007 que dizem respeito a este assunto. Este Projecto, mais do que acção pontual, é o início de um processo que pode ser ilustrado pelo seguinte gráfico:



Passo a descrever os três passos seguidos:

1. Questões lançadas às RSCM;
2. Elaboração de um opúsculo;
3. Realização das Jornadas.

1. Questões lançadas às RSCM

No mês de Maio de 2008, foi enviada uma circular para todas as RSCM em Portugal, tentando levar à prática os compromissos assumidos no Capítulo Geral de 2007. Neste contexto, lembrávamos o seguinte:

“Fomos tocadas pelos acontecimentos que afectaram tragicamente a vida das pessoas em todo o mundo, entre eles, a migração, o tráfico humano³⁸,

³⁸ Neste sentido e complementando o nosso trabalho neste projecto, integramos a Comissão de Apoio às Vítimas de Tráfico de Pessoas (CAVITP), ligada à Conferência dos Institutos Religiosos em Portugal (CIRP), tendo realizado várias sessões públicas de sensibilização a esta problemática, assim como, em parceria com Ciência das Religiões da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, editámos um opúsculo com textos sagrados das várias religiões contra a exploração do ser humano, o tráfico de pessoas: *Que fizeste do Teu irmão? Dignidade Humana e Condenação do Tráfico de Seres Humanos nos Textos Sagrados*, (Org. e Introdução de Maria Julieta Mendes Dias e Paulo Mendes Pinto) 2007.

as mudanças climáticas, a violência, e acreditamos que o nosso carisma e missão hoje nos convocam para além das fronteiras provinciais e regionais. Fiéis ao nosso chamamento de tornarmos conhecido o Deus de amor e justiça, abraçamos as necessidades da comunidade global”.

Dizíamos: «para que estas convicções capitulares possam ser concretizadas no nosso quotidiano, era importante saber o que cada uma pensa sobre o que pode fazer pela paz e pela Integridade da criação», formulando as questões – Que posso eu fazer pela Paz / Que posso eu fazer pela Integridade da Criação – e pedindo uma resposta até 15 de Junho desse ano.

Depois da reflexão pessoal, cada Comunidade organizou uma reunião para partilharem o que cada irmã tinha reflectido.

Efectivamente, nesse dia 15 de Junho, 30 das 40 comunidades em Portugal, abarcando cerca de duzentas irmãs, mandaram as suas respostas, fruto da síntese de uma partilha simples³⁹.

Essa partilha foi trabalhada no sentido de sintetizar as respostas semelhantes e, não deixando perder nenhum pormenor específico, acrescentar todas as respostas que não podiam ser integradas na síntese. Esta, por sua vez foi organizada em subtemas.

Em relação à *Paz* foram encontrados os seguintes subtemas: A Paz, a Oração e as RSCM; A Paz consigo e à sua volta; A Paz e a denúncia da violência, da guerra; A Paz e a Educação.

Acerca da *Integridade da Criação*, os subtemas eram: Respeitar a Natureza; Investir na Educação; Acção cívica; Rezar com a Natureza.

Em Anexo I a, apresentam-se exemplos de respostas vindas das comunidades.

2. Elaboração do Opúsculo de suporte às Jornadas

Nas Jornadas, cada participante recebeu um opúsculo, cujo conteúdo era: “Programa da Jornada”, “Dados da História do Instituto das RSCM”, “Espiritualidade/carisma das RSCM”, “Marcos históricos contemporâneos” e o “Resultado do Inquérito”.

³⁹ Num primeiro momento, cada irmã partilha o que reflectiu, sem debate. Depois de todas falarem, explicitam os consensos. No caso de uma irmã apresentar o seu pensamento não tendo afinidades com nenhum outro e julgar que é importante para o assunto, a sua ideia é acrescentada à síntese.

Na capa do opúsculo são explicitadas as «parcerias» que garantiram, se assim podemos dizer, a realização das Jornadas: Comissão de Formação das RSCM, Rede JPIC das RSCM e, naturalmente, a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, pois tratava-se do trabalho final de Mestrado em Ciência das Religiões⁴⁰.

O Projecto, querendo envolver todas as RSCM na sua prática quotidiana e olhando o horizonte da própria Missão que lhes tinha sido confiada, exigia um contexto histórico. Esta linguagem nova – *Paz, Justiça e Integridade da Criação* – terá alguma afinidade com a herança recebida? Poderá ser o *aggiornamento* dessa herança ou algo completamente novo?

Para responder a estas questões, tornou-se necessário revisitar a *Fonte* e tentar perceber se o percurso histórico foi e é uma simples repetição de normas, de práticas, recebidas no início, ou se essa *Fonte* foi inspiradora, até aos nossos dias, e se transformou num rio em constante adaptação ao tempo e ao espaço, desenvolvendo-se e aprofundando o seu leito. Daí a importância de um olhar histórico.

DADOS DA HISTÓRIA DO INSTITUTO DAS RSCM

O Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria nasceu em França (Béziers), em 1849, num tempo muito conturbado do pós-revolução. As carências, as confusões e as tensões (políticas, sociais e religiosas) alastravam por toda a parte. Eram muitos os órfãos, muitos os pobres e doentes, muitas as raparigas que se entregavam à prostituição como forma de sobrevivência.

A Igreja católica em França atravessava um período de forte divisão, mas também, uma época de renovação, principalmente no campo das obras de misericórdia para fazer face aos problemas sociais. A lei de 1825 proporcionou o aparecimento de Congregações francesas, por todo o país, assumindo instituições de saúde, assistência e educação.

⁴⁰ Ilustração da capa em Anexo II a

Neste contexto, o P. Antoine Pierre Jean Gailhac, nascido em Béziers, pequena cidade do sul de França (1802-1890), frequentou o Seminário de Montpéllier e foi ordenado com 24 anos. Depois de alguns anos como professor de Filosofia no Seminário, pediu para se dedicar inteiramente à capelania do Hospital da sua terra natal, onde foi encontrar, fundamentalmente, idosos, soldados e prostitutas. Percebeu que muitas destas mulheres desejavam mudar de vida e fundou, em 1834, o Refúgio, em Béziers, com o nome de Bom Pastor. Algum tempo depois, a actividade do Bom Pastor alargou-se a crianças abandonadas, dando origem a uma outra obra: o Orfanato. De início, pediu colaboração a um grupo de senhoras para a direcção e administração e, mais tarde, à Congregação das *Dames de Saint-Maur*. Divergências na forma e conceito de educação, levaram o P. Gailhac a pensar numa nova Congregação que assumisse não só os mesmos objectivos, mas também o espírito orientador em todos os trabalhos do Refúgio e do Orfanato. A sua grande preocupação era continuar a missão de Jesus Cristo, Bom Pastor, que *veio para que todos tenham vida e vida em abundância*. As «suas» religiosas tinham de incarnar essa missão.

No grupo de amigos e benfeitores do Bom Pastor, existia um casal sem filhos especialmente dedicado: Eugène Cure e Appollonie Pellissier Cure. Em 1848, Eugène morre e a viúva, Appollonie Pellissier (1809-1869), resolve dedicar a sua vida e os seus bens às obras do Bom Pastor. Chamando cinco amigas com experiência no ensino e no cuidado dos mais necessitados, formaram um grupo capaz de dar corpo ao sonho do P. Gailhac. E assim aconteceu no dia 24 de Fevereiro de 1849: estava fundado o Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, com a missão de “continuar a Obra de Jesus Cristo”, assumindo “todos os trabalhos que possam contribuir para a glória de Deus e a salvação das almas”, segundo as primeiras Constituições de 1850 (de direito diocesano). Em 1899, as Constituições são aprovadas pela Santa Sé, já depois da morte do P. Gailhac, explicitando que se trata de uma Congregação Religiosa “dedicada à educação cristã das meninas nos seus colégios, externatos, orfanatos e escolas gratuitas” (Const. 1899). Segundo a última revisão das Constituições (1983), a missão das RSCM é: “Conhecer a Deus e torná-lo conhecido, amar a Deus e fazê-lo amado, proclamar que *Jesus Cristo veio para que todos tenham vida* e que se expressa numa diversidade de ministérios (§7), ao serviço da justiça evangélica (§8).

Em todas as obras e ministérios, colaboram com a acção de Deus para a transformação do mundo, pelo compromisso no desenvolvimento integral e na libertação da pessoa humana” (§33). A ausência de ensino público para raparigas e a necessidade de recursos financeiros para a manutenção do Refúgio e Orfanato levaram o grupo inicial a abrir uma escola para as filhas das classes mais abastadas, também com o objectivo de formar elites católicas. Depressa se espalhou a notícia e, em 1951, surgem as primeiras vocações Irlandesas que terão um papel preponderante neste campo, proporcionando, ao mesmo tempo, a expansão do Instituto fora de França. Assim, em 1870, é fundada a segunda casa das RSCM em Lisburn (Ulster). Logo a seguir (1871), uma outra aparece no Porto, a pedido da directora do Colégio Inglês desta cidade, Margaret Hennessy, à qual se seguiu, ainda no século XIX e em Portugal, a de Braga (1876), a de Chaves (1885) e a de Viseu (1892), além de comunidades em outros países. Actualmente, são 317 Irmãs portuguesas, vivendo em 43 comunidades: 39 em Portugal de norte a sul, 1 no Mali e Irmãs inseridas em comunidades não portuguesas: Roma, Béziers e Belo Horizonte (Brasil).

No mundo, estão presentes em França, Irlanda, Portugal, Reino Unido, EUA, México, Brasil, Moçambique, Zâmbia, Zimbabwe, Mali e Itália.

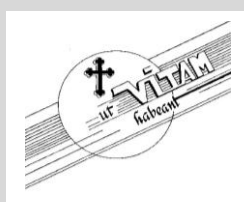
Em Portugal, as RSCM dedicavam-se, quase exclusivamente, à “educação” de meninas, através de Colégios, Patronatos e Lares. A partir da década de 60, do século XX, diversificam a sua acção, não só em meios urbanos como em zonas rurais. Fecha a maior parte dos colégios, existindo, actualmente, apenas três: Lisboa, Porto e Fátima; na década de 70, em substituição dos Patronatos é criada a Obra Social do Sagrado Coração de Maria com dois Equipamentos, Braga e Guimarães, cada um com as valências de creche, educação pré-escolar e actividades de tempos livres (ATL); em finais dos anos 90, abriu mais um Equipamento, em Portalegre, com a valência de Centro de Acolhimento Temporário (CAT), para crianças dos 0 aos 12 anos, em regime de internato; muitas irmãs trabalham em Centros Sociais pertencentes a entidades particulares de bairros suburbanos e aldeias; em Centros de Saúde; colaboram também na pastoral paroquial e leccionam em escolas públicas.

Desde 13 de Novembro de 2004, está ligada oficialmente ao Instituto, com estatutos próprios, a Família Alargada do Sagrado Coração de Maria (FA SCM), agregando pessoas leigas que aderem à espiritualidade das RSCM.

ESPIRITUALIDADE / CARISMA DAS RSCM

O Carisma das RSCM é o do Bom Pastor, segundo vem expresso no chamado Evangelho de S. João: *Jesus veio para que todos tenham vida e vida em abundância* (Jo 10,10); as RSCM devem incarnar esta missão no mundo.

A sua Espiritualidade tem duas grandes vertentes: a *fé* e o *zelo*. Pela *fé*, as RSCM procuram conhecer e amar a Deus e fazê-Lo conhecido e amado; pelo *zelo*, estão atentas à vida do mundo, procurando conhecer as necessidades do seu tempo para que o lema que as orienta – *Ut Vitam habeant* – seja, efectivamente, a alma da sua Missão.



Capa das Constituições

Este ano, 2008-2009, celebram o bicentenário do nascimento da Fundadora, Appollonie Péliissier Cure (2. Fev. 1809), uma mulher de *fé* no Deus de Jesus Cristo que entregou ao seu *zelo* a vida desfigurada das crianças/jovens para que fosse transformada em *vida em abundância*. Assumiu de tal forma esta missão, que escolheu – em religião – o nome do evangelista a quem se atribui o IV Evangelho, para ela, o Evangelho da VIDA, à qual se dedicou inteiramente: *Mère Saint-Jean*. A sua *fé* e o seu *zelo* venceram as muitas dificuldades, próprias de todos os inícios, e deram continuidade ao Projecto assumido, encontrando, em cada situação, a resposta mais adequada. Hoje, a sua memória continua a impulsionar as RSCM a serem

Mulheres que escutam as vozes silenciadas e que caminham com os marginalizados, a fim de fazer surgir uma globalização a partir das bases, (...) e ajudar a criar uma alternativa à cultura de domínio e violência, com uma nova definição de comunidade – uma erupção de compaixão e solidariedade, segundo a visão contemporânea encontrada no Capítulo Geral de 2007.



Emblema do IRSCN

MARCOS HISTÓRICOS CONTEMPORÂNEOS

1975:Capítulo Geral diz que trabalhar pela Justiça, para as RSCM, já não é uma opção, mas uma obrigação.

2001:Início da Rede RSCM JPIC em ordem à promoção da Justiça, Paz e Integridade da Criação como Instituto, usando o dom da nossa internacionalidade em ligação, umas com as outras, agindo juntas numa resposta corporativa.

2006:As RSCM são, oficialmente, reconhecidas como ONG em ligação com o Departamento de Informação Pública (DIP) nas Nações Unidas.

Na última parte do opúsculo, estavam incluídas as sínteses já divididas em subtemas, acima mencionados e apresentados em Anexo II d-n.

3. Realização das Jornadas

As Jornadas seriam um momento alto do Projecto, não o seu fim.

Depois de ter reflectido individual e comunitariamente sobre a *Paz* e a *Integridade da Criação*, havia, agora, um tempo de alargar o debate para uma iluminação e para retomar a reflexão comum a partir de uma Conferência acerca do assunto em causa e das sínteses temáticas, fruto do trabalho anterior de cada uma⁴¹.

A Jornada sobre a *Paz* realizou-se, em Lisboa, no dia 25 de Outubro de 2008, no Colégio do Sagrado Coração de Maria. Houve, apenas, uma sessão e não duas, como era previsto, por dificuldade de tempo.

Após um breve acolhimento das participantes, o Prof. Guilherme d'Oliveira Martins proferiu a Conferência intitulada: *A Paz é possível?*⁴². Depois de um breve intervalo, seguiu-se um pequeno debate iniciado por um Comentário à Conferência feito pela Dra Ângela Malheiro, professora do Colégio do SCM.

Na parte da tarde, as participantes – cerca de 60 RSCM – dividiram-se pelas 4 *Mesas Temáticas*, escolhidas no acto da inscrição⁴³.

Essas *Mesas Temáticas* correspondiam aos subtemas encontrados na síntese das respostas vindas das comunidades, como acima indicámos, e funcionaram em simultâneo. Em cada Mesa, uma Moderadora – previamente determinada e a quem se entregara o subtema com a respectiva síntese – provocava o debate com uma introdução de 5 a 7 minutos. Uma secretária, também determinada com antecedência, fazia o resumo.

Uma hora depois, iniciou-se o Plenário com a apresentação do resumo das 4 Mesas Temáticas, abrindo-se, deste modo, um novo debate.

No encerramento, a Moderadora da Jornada apresentou um PowerPoint, *As Mulheres e a Paz*, incidindo sobre as “Prémio Nobel da Paz” e a Fundadora das RSCM⁴⁴.

A Jornada sobre a Integridade da Criação realizou-se em Lisboa (Colégio do SCM), no dia 7 de Março de 2009 e no Porto (Colégio de N. Sra do Rosário), no dia 14 de Março de 2009.

A metodologia seguida foi a mesma: na parte da manhã, uma conferência seguida de comentário para abrir o debate; de tarde, 4 mesas temáticas, com a moderadora e a secretária previamente designadas e um plenário final.

⁴¹ Ver os Programas das Jornadas em Anexo II b-c

⁴² Cf. Síntese da Conferência, pp.7-9.

⁴³ Ver as Fichas de Inscrição em Anexo III a-b

⁴⁴ Ver Anexo IV

Como já foi dito, este tema era novo para a grande parte das RSCM: falar da Criação, do Criador, das novas *Comologias*...

Foi conferente Verónica Brand, RSCM, ilustrando o conteúdo com PowerPoint, onde pudemos visualizar o «lugar» de Deus na narrativa tradicional da Criação e o «lugar» de Deus, segundo as novas cosmologias, sem que o conceito de *Deus Criador* fosse diminuído⁴⁵.

Paulo Mendes Pinto comentou a exposição da Ir. Verónica, lançando uma série de questões a partir do que tinha visto e ouvido, focalizando muito o trabalho educacional das RSCM em Portugal.

De tarde, as cerca de 150 Irmãs – no conjunto das duas sessões – divididas pelas mesas temáticas debateram, com outra luz, a problemática da *Integridade da Criação*, que, na reflexão anterior, não tinha ultrapassado muito o aspecto de *cuidar do ambiente*, sem ter em conta as implicações na concepção do *Deus Criador* e, por isso, na necessidade de refazermos a nossa linguagem ao falar destes assuntos.

A conferencista fez várias referências à consonância do lema das RSCM – *para que todos tenham vida* – com as novas cosmologias: o «lugar» de Deus, de toda a Criação e o papel do ser humano como zelador da *Vida em abundância* na sua integralidade.

As sessões foram encerradas com um cântico ilustrado sobre a *Vida e Missão* das RSCM preparado pela Verónica Brand.

⁴⁵ Ver Anexo V a-f

III. Avaliação de cada passo

1. Questões lançadas às RSCM⁴⁶

Como ficou dito, um dos objectivos do projecto era o envolvimento do maior número de RSCM. As questões foram enviadas a todas as Irmãs com capacidade de responder – ainda que limitada pela idade e pela doença – tendo abarcado perto de 300 Irmãs. A reflexão individual e comunitária aconteceu em todas as comunidades: 40, em Maio de 2008.

Fizeram o resumo da sua reflexão e mandaram-no 30 comunidades, o que aponta para cerca de 200 RSCM que, tendo pensado no assunto, se empenharam na reflexão alargada, respondendo, por escrito, às questões. Em termos de Irmãs, corresponde a $\frac{2}{3}$. Se contabilizarmos as comunidades, a colaboração atinge os $\frac{3}{4}$.

Tendo em conta as idades – a faixa etária mais numerosa situa-se entre os 65 e os 75 aos – e o estado de saúde, podemos considerar que houve uma participação muito boa.

Falar sobre a qualidade das respostas não é fácil e talvez não seja o mais oportuno. O importante é que, em três tempos diferentes, as RSCM em Portugal, reflectiram e debateram as questões da *Paz* e da *Integridade da Criação*.

1.1.Paz

No que se refere à *Paz*, a maior parte das respostas focaram a *Paz consigo e à sua volta*: a Paz vem do interior de cada uma. Só uma pessoa pacificada pode construir, transmitir, apontar a Paz, caminho a seguir para o reconhecimento e o acolhimento harmonioso dos outros, mesmo e sobretudo nas suas diferenças. Só uma pessoa pacificada poderá ter uma verdadeira atitude de reconciliação e de perdão perante a ofensa e o conflito. A Paz não é passiva, implica acção e, neste contexto, uma acção para neutralizar as arestas pessoais de agressividade.

A *Paz e a denúncia da violência, da guerra* resume o segundo bloco mais focalizado. O alvo, aqui, está no exterior: a pessoa tem de conhecer o que se passa à sua volta, o que se passa no mundo e agir, publicamente, em favor da Paz. É necessário escutar o que nos chega pelos meios de comunicação social, mas também pelas vozes, muitas vezes abafadas, de quem está ao nosso lado, para denunciar, com conhecimento de causa, as injustiças que geram violência e guerra. É importante, ainda, colaborar com outros nas

⁴⁶ 1. Que posso eu fazer pela *Paz*? 2. Que posso eu fazer pela *Integridade da Criação*?

manifestações públicas contra a guerra, a violência e a favor da Paz, sejam marchas ou recolha de assinaturas.

Denominámos *A Paz, a oração e as RSCM* o conjunto de respostas relacionadas com a oração e, de algum modo, com a espiritualidade das RSCM. Muitas vezes, o sentimento de impotência perante a guerra e a violência, gerado por vários factores, deixa, apenas, uma porta de saída: a oração. Para muitas Irmãs, cuja doença ou a idade avançada as impedem de agir, de forma pública e concertada, rezar pela Paz é o modo prático de viverem a solidariedade com as vítimas da guerra e da violência e, também, com quem constrói a paz, no terreno. Pela *fé*, ligam-se ao Deus da Paz, ao Deus da Vida; pelo *zelo*, mesmo na doença e na idade avançada, mantêm-se atentas ao que acontece no mundo, pedindo vida em abundância para todos. Acreditam que o poder da oração supera as limitações pessoais porque apelam para Deus. Podemos dizer que Deus não precisa da oração para agir. As pessoas é que precisam da oração para se descentrarem, indo até aos lugares do sofrimento, “provocando” energia para quem trabalha pela paz, ânimo para quem sofre e gerando, assim, uma verdadeira comunhão, humana e divina.

Finalmente, *A Paz e a educação*, sintetizando a consciência de que a Paz é algo que se aprende. Apesar do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria ter uma grande e forte tradição na área do ensino, este grupo de respostas talvez seja o mais fraco. Podemos, sem dúvida, completá-lo com muitas das respostas dos outros grupos, mas falta a vertente pedagógica que não foi explícita.

1.2.Integridade da Criação

Neste campo, a reflexão, estando bastante circunscrita à *ecologia*, aflorou aspectos relacionados com a *cosmovisão*, isto é, com a forma de olhar o Mundo, a partir da sua formação, assim como o papel e o lugar do ser humano nesse mundo.

Ao contrário das respostas sobre a Paz, nestas, *Investir na Educação* foi o bloco que reuniu mais propostas. É bem patente a necessidade e urgência de sensibilizar para a ecologia, para o equilíbrio ambiental, não desperdiçando os bens naturais e reciclando sempre que possível. Não deixa de ser explícita, embora em menor escala, a consciência de que é preciso desenvolver uma nova forma de olhar e de relação com o Universo: saber olhar para as mudanças que se operam no mundo e na Igreja de hoje, acolhendo as novas intuições acerca da interligação de toda a Criação e suas implicações nas dimensões culturais, sociais e espirituais.

A *Acção Cívica* é a expressão aglutinadora do que há a fazer para preservar e poder transmitir os recursos da terra às gerações futuras. Também, aqui, é urgente sair para a rua e colaborar nas manifestações públicas em favor da Terra, quer em campanhas, em protestos, quer em assinalar os Dias Mundiais, relacionados com o ambiente, com acções concretas colectivas.

Respeitar a Natureza sintetiza outro grupo de respostas, mais virado para as atitudes quotidianas, face ao consumo dos bens, observando sempre a “regra dos 3 RRR”: Reduzir, Reutilizar e Reciclar.

Também a *Integridade da Criação* leva a *Rezar com a Natureza*, olhando esta como objecto e lugar inspirador da oração. A sua contemplação pode aproximar de Deus, de um Ser transcendente que dá sentido a tudo o que existe. Pode desenvolver o sentido de uma espiritualidade cósmica, holística, em que se reconhece a interdependência com todas as formas de vida.

Este passo foi muito importante. Por um lado, antes das Jornadas, cada irmã teve a oportunidade de pensar no assunto, em termos individuais, e de o partilhar comunitariamente. Por outro, o resultado deste primeiro trabalho levou à ordenação das respostas em quatro áreas, proporcionando a organização das *Mesas Temáticas*, nas Jornadas.

Um dos aspectos menos conseguidos foi o levantamento de questões. As respostas são demasiado afirmativas. É dito o que se faz, o que deve ser feito, o que falta fazer, mas não há interrogações. Ninguém questiona, ninguém pergunta porque se faz, porque deve ser feito ou se há algo mais do que se julga faltar fazer. A dúvida, a curiosidade intelectual, existencial, abre o espírito para o novo, para a progressão do conhecimento, para a adaptação interior face às mudanças que se impõem.

2. Elaboração do opúsculo

As RSCM não precisavam, evidentemente, de um apontamento histórico sobre o Instituto. No entanto, no momento das Jornadas, momento de iluminação e de alargamento do conhecimento acerca da *Paz* e da *Integridade da Criação*, facilitava a reflexão ter um texto – sem ter de recorrer à memória – que apresentasse as razões do aparecimento das RSCM, as suas grandes linhas de força, inspiradoras da Missão, e o percurso dos 160 anos de existência.

Era importante perceber que o carisma inicial, a intuição fundadora, não eram realidades transmissíveis estaticamente, mas herança recebida que é preciso desenvolver, segundo as circunstâncias e os tempos. As necessidades e as problemáticas não são sempre as mesmas. A fidelidade às origens implica o *aggionamento* constante, a leitura dos sinais dos tempos, o conhecimento da realidade para responder, com o mesmo espírito, mas nas formas mais adequadas.

Para além da resenha histórica, foi considerado muito útil o resumo das respostas divididas por áreas, correspondendo às *Mesas Temáticas*. Assim, cada uma podia, com antecedência, saber o que as outras comunidades tinham dito acerca da *Mesa* escolhida e, naquele momento, avançar na reflexão. A inclusão do Programa da Jornada, no folheto, tornava-se imprescindível para o bom funcionamento e a visão de conjunto desse dia de trabalho.

3. Realização das Jornadas

Os locais escolhidos – Colégio do Sagrado Coração de Maria, em Lisboa, e Colégio de N^a Sr^a do Rosário, no Porto – ofereceram as condições necessárias para o desenrolar das Jornadas: sala de Conferência e Plenário, diversos espaços para as Mesas Temáticas, assim como um outro onde foram servidas as refeições do almoço e do lanche.

A possibilidade de mudança, segundo a actividade realizada, dentro de um mesmo local, favoreceu a concentração sem saturação e o cumprimento do horário sem inquietação.

Na avaliação final de cada Jornada, foi sempre apontada como muito boa, para além das excelentes conferências, a existência de Comentador da Conferência para iniciar o Debate e a designação prévia de uma Moderadora e de uma Secretária para cada Mesa Temática.

Como já foi dito, o resultado do debate comunitário traduziu-se em respostas talvez demasiado afirmativas, sem interrogações. No Plenário das Mesas Temáticas, mais do que afirmações, foi patente a consciência de que se torna urgente semear ideias, inquietações que despertem para uma verdadeira liberdade responsável e apontem sempre para a construção inacabada da *Paz* e da *Integridade da Criação*, na qual, ninguém se pode considerar excluída de participar. Foram, também, lembrados os medos que podem assaltar

em várias vertentes, a necessidade de não perder a esperança e a importância do trabalho em rede, diríamos de um trabalho capilar, muitas vezes às apalpadelas.

Nas Jornadas sobre a *Integridade da Criação*, o Comentador não só introduziu o debate, a seguir à exposição de fundo e a partir dela, como encerrou o Plenário, apontado pistas, desafios, para um trabalho posterior, tendo como base o que se tinha realizado naquele dia.

Embora o conjunto tenha sido muito positivo, houve dois momentos menos conseguidos. A Comentadora da conferência sobre a *Paz* iniciou o debate, não do que tinha ouvido na exposição, mas do que tinha preparado previamente. A falha vem, certamente, de não lhe ter sido transmitido, com clareza, o que se pretendia, ao entregar-lhe o conteúdo das Mesas Temáticas. Teria sido preferível não o conhecer para não induzir a um trabalho preparatório que resultou numa mini conferência, interessante, mas não num comentário que se esperava. Outra falha diz respeito ao trabalho das secretárias das Mesas Temáticas que não entregaram, por escrito, o que partilharam no Plenário, resultante da discussão nos respectivos grupos. Aqui, a falha recai inteiramente em mim porque não o pedi e não providenciei a gravação. Assim, o apontamento dos Plenários, acima exposto, cinge-se às anotações que fiz, durante a realização dos mesmos.

Conclusão

Este Projecto não se esgotou nas Jornadas sobre a *Paz e Integridade da Criação*, cuja organização e realização constituem o objecto deste Relatório, mas foram a sua fase inicial, tendo provocado um debate de ideias, um olhar mais atento ao que dizemos ser a nossa identidade, como família religiosa do SCM, ao que dizemos ser a nossa missão no mundo contemporâneo, impulsionadas pelo mesmo espírito que moveu o Padre Jean Gailhac a sonhar com um grupo de religiosas que levassem *vida em abundância* onde só existia *desvida*, pelo mesmo espírito que descentrou meia dúzia de mulheres, dando corpo a esse sonho e que se concretizou no Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria (Sul de França, meados do século XIX).

A fidelidade ao legado, que vem das origens e tem sido transmitido ao longo de 160 anos, exige um repensar contínuo, um ajustar constante na forma de o viver em cada época e em cada lugar. *Levar vida e vida em abundância* requer uma atenção especial para ser capaz de escutar as vozes silenciadas, de ver as necessidades dos mais pobres e de saber ler os sinais da evolução científica e tecnológica que pode gerar vida para todos ou desigualdades profundas na sociedade contemporânea. É absolutamente fundamental capacitar-se para ver nos «sinais dos tempos» um “apelo exigente à acção contra a tentação fatalista de considerar as injustiças como inexoráveis e inelutáveis”⁴⁷

Partindo da noção de paz – plenitude de felicidade – e da noção de justiça – rectidão, o que está completo –, percebemos que esses dois conceitos são sinónimos de «integridade da criação», de vida em abundância. Assim, poderemos afirmar que a fidelidade à missão de levar vida, hoje, é trabalhar pela *Paz, Justiça e Integridade da Criação*.

Segundo os vectores da sua espiritualidade – fé e zelo – pela «fé», a RSCM centra a vida em Deus, apurando o seu olhar, o seu ouvido, a sua sensibilidade e o seu agir ao jeito de Jesus Cristo que *passou fazendo o bem e curando* (Act 10, 38). Pelo «zelo», percorre os caminhos da vida, tentando perscrutar as vozes silenciadas para as fazer ouvir; observando e sentindo a opulência dos ricos que lançam na valeta os pobres famintos,

⁴⁷ Guilherme d'Oliveira Martins, *Sob o Signo dos Sinais dos Tempos – Cultura e antropologia*, p. 7, texto cedido pelo autor.

doentes e despojados da sua dignidade, para denunciar os primeiros e socorrer os da valeta; procurando saber ler os «sinais dos tempos» que podem apontar um futuro harmonioso, proporcionando a *vida em abundância* para todos. Dito de outro modo, tem de assumir a atitude profética que “parte da leitura dos sinais dos tempos, o que obriga a estar atenta ao movimento e às transformações”⁴⁸ Deste modo, o agir da RSCM situar-se-ia no caminho que é a paz e seria orientado pela prática da *justiça*, isto é, pela acção de *curar*, de *salvar*, de *restabelecer* o danificado, de interligar tudo na originalidade de cada criatura.

Se as questões relacionadas com a *Paz* e a *Justiça*, desde há muito, estavam presentes nas reflexões e indagações de cada Religiosa e no conjunto da Província, a problemática ligada à *Integridade da Criação*, como as novas cosmologias, por exemplo, era completamente desconhecida para uma grande parte das RSCM.

Foi muito importante, todavia, trazer à consciência – mediante uma metodologia de auscultação, reflexão e debate de todas as irmãs – que:

- A paz não é uma simples ausência de tensões, de conflitos, de diferenças, de guerras. Implica trabalhar num desenvolvimento integral que não exclui, não edifica muros, não gera medos, mas proporciona uma distribuição equitativa dos recursos, sabendo regular a conflitualidade própria da condição humana e contribuindo para a harmonia cósmica;
- A paz precisa do diálogo entre pessoas, sociedades, Estados, religiões, civilizações e culturas, através de um conhecimento mútuo, para estabelecer as boas relações de convivência;
- A paz apela à recusa do pacifismo ingénuo ou motivado pela indiferença e egoísmo;

Por outro lado, importa não esquecer que estas constatações têm de se tornar um ideal a atingir sem descanso. Caso contrário, perdem o núcleo mobilizador e transformam-se, facilmente, em ideologia e em sistema dissuasor de qualquer mudança. A paz tornar-se-ia ideologia a defender e não já projecto a construir⁴⁹, caminho a percorrer.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 21.

⁴⁹ Cf. José Ornelas Carvalho, *A Utopia da Paz na Bíblia*, in *ISTA*, n° 9, 2000, p. 73

Para Guilherme d'Oliveira Martins, “mais do que a fixidez de uma ideologia, importa entender o dinamismo da história. O movimento torna-se assim factor fundamental de interpretação dos acontecimentos”⁵⁰.

Observa ainda que é difícil discernir os sinais dos tempos, já que a história humana é enganadora. “Se a história é objectivação da liberdade humana tanto o pecado [o mal] como a graça [o bem] podem ser princípios construtores da história. A história é ambígua e complexa, o que dá campo aos falsos profetas e à tentação de seguir os caminhos ditados por leituras superficiais ou erróneas dos acontecimentos. Há contra-sinais que manifestam o egoísmo, a indiferença e o pecado [o mal] – que podem, ou não, contribuir para a tomada de consciência da história da Salvação”⁵¹, da economia de vida em abundância.

Este projecto exige, portanto, disponibilidade, desapego e esforço que não suportam atitudes ambíguas, pretendendo conciliar valores inconciliáveis. Como diz José Ornelas de Carvalho, «quem não for capaz de empreender nada para não ter problemas, refugiando-se na “sua paz”, nunca entenderá a paz do evangelho»⁵². Paz que a RSCM é chamada a viver e, segundo o mesmo autor, Jesus teve de aceitar sofrer as consequências da revolução que provocou. «O seu sofrimento e a sua morte são a consequência directa da radical fidelidade a Deus e aos homens [seres humanos], aliada à recusa absoluta do uso da força na construção do Reino de Deus»⁵³, Reino de paz e de justiça.

Foi unânime a convicção de que estes momentos de reflexão e debate são necessários para avivar, no interior de cada uma, o ideal que orienta a prática do quotidiano ou, pelo menos, o que se deseja alcançar, com tudo o que isso implica de auto-educação e de compromisso na transmissão dos valores assumidos.

Como foi dito, a temática da *Integridade da Criação*, na sua amplitude, era completamente desconhecida para a maior parte das Irmãs, nomeadamente, o que se refere à nova cosmologia. Neste âmbito, o que já praticavam estava relacionado com a preservação e contemplação da Natureza. Faltava a reflexão sobre a nova visão do mundo, a problemática trazida pela chamada *Teoria da Evolução*. Como interpretar os textos bíblicos da Criação? Como falar de Deus Criador?

⁵⁰ Guilherme d'Oliveira Martins, *Texto cit.*, p.24

⁵¹ *Ibidem*, p.23

⁵² José Ornelas Carvalho, *Op. cit.*, p.91

⁵³ *Ibidem*, p. 94

Não deixa de ser curioso verificar que o IRSCM (1849) nasceu, precisamente, no tempo em que Darwin (1809-1882) redigia a sua obra, *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life* (“Sobre a Origem das Espécies por Meio da Seleção Natural ou a Preservação de Raças Favorecidas na Luta pela Vida”), publicada em 1859, vulgarmente conhecida por *The Origin of Species* (“A Origem das Espécies”), título abreviado na sexta edição, em 1872⁵⁴.

A primeira reacção, da Igrejas em geral e da Igreja Católica em particular, foi de rejeição porque faziam uma interpretação literal do Livro do Génesis, até aos anos 50 do século XX. Teilhard de Chardin (1881-1955) foi um dos primeiros cientistas – que também era teólogo católico – a reconhecer que «a evolução é o contexto mais apropriado para se articular o sentido da fé»⁵⁵. A sua obra, *Le Phénomène humain* (“O Fenómeno Humano”), escrita entre 1920 e 1930, só foi publicada depois da sua morte. Hoje, na Igreja Católica, é consensual aceitar essa teoria científica, apesar das suas falhas, na compreensão e vivência da fé cristã. A evolução ajuda-nos a entender e a apreciar a comunhão do ser humano com o círculo da vida mais amplo. “Em lugar de o pôr em causa, ela confirma o sentido bíblico de sermos criados à imagem e semelhança de Deus”⁵⁶.

Embora de forma iniciática, foi abordada a teoria do *Big Bang* – que descreve a formação do universo há cerca de 15 mil milhões de anos e a sua expansão – como a que mais se ajusta aos dados científicos disponíveis e que, hoje, se percebe compatível com o discurso teológico da Criação. A ciência nada sabe dizer acerca do que antecedeu o *Big Bang*. A teologia também não se debruça sobre essa questão, pois, o que pretende realçar é que fomos e estamos a ser criados por algo [alguém] que nos transcende e que chamamos Deus. O mistério já não se situa, apenas, no campo da religião, mas também no da ciência. Os próprios cientistas o atestam: novas descobertas trazem consigo mais incógnitas do que respostas. Percebem, hoje, cada vez mais cientistas e teólogos que os seres humanos não detêm o controlo do Universo incomensurável do qual fazemos parte e onde existe espaço de “não poder”.

Estamos, sem dúvida, num tempo de grandes e rápidas mudanças que não favorece a leitura dos sinais que emergem. Perante os perigos e as ameaças que nos rodeiam, não podemos, no entanto, abdicar de o fazer. Albert Nolan tem uma metáfora que

⁵⁴ Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Origem_das_Esp%C3%A9cies

⁵⁵ John F. Haught, *Cristianismo e evolucionismo*, Gradiva, Lisboa, 2009, p. 223

⁵⁶ *Ibidem*, p. 61

espelha muito bem o mundo contemporâneo e nos poderá ajudar a perceber a atitude a seguir:

“Entrámos numa era cheia de promessas mas marcada por perigos impensáveis. Por outro lado, também não estamos todos no mesmo lugar. Alguns avançaram muitíssimo, outros estão a recuar, outros ainda não fazem ideia da direcção que estão a tomar – o que torna muito difícil resumir o ponto em que nos encontramos como família humana neste momento da nossa evolução. A metáfora que se segue poderá revelar-se útil.

“Nós somos como um enorme pacote que se soltou das suas amarras e navega à deriva em direcção ao alto mar. Os perigos que o espreitam são incalculáveis. Estaremos a avançar para o naufrágio e para a nossa extinção? Alguns querem regressar à segurança do porto, mas isso já não é possível. Outros estão tão distraídos, que não têm consciência do facto de que andamos à deriva. Outros ainda gostariam de saltar borda fora e nadar sozinhos até terra. Mas agora já estamos demasiado longe e já não há qualquer possibilidade de nos afastarmos sozinhos. Estamos todos juntos no mesmo barco.

“Por outro lado, um número cada vez maior de passageiros vê este navegar à deriva em direcção ao alto mar como uma oportunidade sem precedentes de se afastarem da escravatura e do sofrimento do passado e de procurarem a terra prometida da liberdade e da felicidade. Novas possibilidades se vão abrindo diariamente no horizonte. A fome de uma nova espiritualidade é promissora. O desejo de justiça, de paz e de cooperação é animador. As novas vozes, vindas de baixo, e a globalização da compaixão pelos necessitados são prometedoras. Os perigos do individualismo têm vindo a ser reconhecidos. E a nova ciência fornece-nos um mapa do local onde estamos, de onde viemos e para onde possivelmente estamos a ir.

“Os perigos e as ameaças permanecem. O navio já está a meter água e, enquanto alguns tentam reparar a brecha, outros, na sua cegueira egoísta, estão a abrir novas brechas, ignorando os icebergues que temos pela frente. Não há tempestade no mar. A natureza não nos é hostil. A tempestade desencadeia-se a bordo, entre os próprios passageiros – prosseguindo cada um, cegamente, aquilo que tem marcado na sua agenda”⁵⁷.

A RSCM, passageira deste barco e herdeira do espírito de fé e zelo, querendo manter-se fiel à sua missão de levar vida, não pode fazer parte do grupo que deseja a «segurança do porto», nem do que está «distraído», nem do que pretende «saltar fora e nadar sozinha». Tem de estar atenta para vislumbrar sinais de esperança, aceitar a situação como desafio e tentar encontrar respostas, sempre incompletas, sempre provisórias, mas que apontam o horizonte da paz, da justiça, da liberdade e da cooperação. Na esteira do Concílio Vaticano II, a RSCM

“Tem o dever de perscrutar incessantemente os sinais dos tempos e de os interpretar à luz do Evangelho, de tal sorte que possa responder de um modo adequado a cada geração, às perenes interrogações dos homens [seres humanos]

⁵⁷ *Jesus Hoje. Uma espiritualidade de liberdade radical*, Paulinas, Lisboa, 2008, pp. 77-78

sobre o sentido da vida presente e futura e sobre a sua relação recíproca. Importa, por conseguinte, conhecer e compreender este mundo no qual vivemos, as suas esperanças, as suas aspirações, a sua índole frequentemente dramática”⁵⁸.

Pretendia-se um forte envolvimento que levasse ao empenhamento pessoal, o que se verificou, pelo menos ao nível da adesão a este projecto, desde o início, quer na resposta às questões iniciais quer na presença activa nas Jornadas, ao que devemos atribuir, em grande medida, o seu êxito.

Julgamos importante realçar que, ao redigir este Relatório e tentando analisar isoladamente os três conceitos que formam a expressão *Paz, Justiça e Integridade da Criação*, considerámos também o termo «justiça», embora não fosse objecto das Jornadas, como foi dito. Para isso, revisitámos alguns autores, nomeadamente, Francolino Gonçalves, Albert Nolan, Frei Bento Domingues e Xavier Léon-Dufour, assim como procurámos saber a opinião do biblista luterano, Gerhard Von Rad (1901-1971). Apraz dizer que, pessoalmente, foi uma tarefa altamente enriquecedora. Dizemos «pessoalmente» porque, sendo um trabalho posterior às Jornadas, não foi ainda partilhado.

Seguindo a ideia de *justiça* que ultrapassa o seu sentido comutativo, distributivo e social, já tínhamos atingido a percepção de «estar ajustado» à pessoa, à circunstância, independentemente do «mérito», mas o horizonte alargou-se e percebemos que o âmago de cada um desses termos – *paz / justiça / integridade* – são coincidentes. Poder-se-ia, perfeitamente, usar apenas um: *Paz da Criação; Justiça da Criação; Integridade da Criação*. No entanto, utilizar os três pode ajudar a compreender, de forma holística, a complexidade da vida, da Criação pacífica, ajustada, íntegra.

De facto, as Irmãs foram “alertadas” para a tripla – que, afinal, é uma – problemática da *Justiça*, da *Paz* e da *Integridade da Criação*. Foi manifesta a coerência cívico-religiosa entre o espírito, o carisma, que deu origem ao Instituto e a concretização actual, desse mesmo espírito, focalizada nestas questões. Sendo um Instituto dedicado à educação, em sentido amplo, este Projecto sensibilizou e/ou confirmou a necessidade de levar estes temas para o seu trabalho concreto nas Escolas, nos Centros Sociais, na catequese paroquial e no próprio interior das comunidades de vida das Irmãs.

⁵⁸ Constituição Dogmática «*Gaudium et Spes*», n.º4, in Concílio Ecuménico Vaticano II. *Documentos Conciliares*, Gráfica de Coimbra, 2002.

É, pois, o Relatório da preparação e realização de três Jornadas – uma sobre a *Paz* e duas sobre *Integridade da Criação* – que constitui a matéria deste trabalho, efectuado entre Maio de 2008 e Março de 2009.

A nossa gratidão estende-se ao acolhimento espontâneo deste projecto, por parte da Provincial das RSCM, Maria Teresa Dias Nogueira, e à colaboração preciosa de todos os membros da Comissão de Formação.

Não podemos esquecer, também, que o bom resultado não seria possível sem o persistente incentivo e o valioso apoio do Dr. Paulo Mendes Pinto, em todas as fases do processo, assim como a orientação firme e clara do Dr. Guilherme d'Oliveira Martins, na elaboração deste relatório.

Bibliografia

- ALLÈGRE, C., *Deus face à Ciência*, Gradiva, Lisboa, 1997
- ALMEIDA, Maria Emanuel Melo de, *A Educação para a Paz*, Paulinas, Lisboa, 2002
- ARNOULD, Jacques, *Requiem por Darwin*, Gráfica de Coimbra 2, 2009
- ARTIGAS, M., *As Fronteiras do evolucionismo*, Rei dos Livros, Lisboa, 1993
- AYALA, Francisco J., *A Natureza Inacabada*, Dinalivro, Lisboa, 1998
- BADA PANILLO, J., *La paz y las paces*, Mira Editores, Zaragoza, 2000
- BAQUER, Miguel Alonso, *Dónde está la morada de la paz?*, BAC, Madrid 2004
- BARBOUR, I., *El Encuentro entre Ciencia y Religión*, Sal Terrae, Santander, 2004
- BEAUCHAMP, Paul, *Création et séparation. Étude exégétique du chapitre premier de la Genèse*, Desclée De Brower, Paris, 1969
- BOBBIO, N., *El problema de la guerra y las vías de la paz*, Gedisa, Barcelona, 1982
- BOFF, Leonardo, *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade*, Editora Record, Rio de Janeiro, 2008
- BOFF, Leonardo, *Ética da vida*, Sextante, Rio de Janeiro, 2006
- BOFF, Leonardo, *Virtudes Para Outro Mundo Possível I: a hospitalidade*, Verus, Campinas, 2006
- BOFF, Leonardo, *Virtudes Para Outro Mundo Possível II: convivência, respeito e tolerância*, Vozes, Petrópolis, 2006
- BOFF, Leonardo, *Virtudes Para Um Outro Mundo Possível III: Comer & Beber juntos & viver em paz*, Vozes, Petrópolis, 2006
- BORGES, Anselmo (org.), *Deus no Século XXI e o Futuro do Cristianismo*, Campo das Letras, Porto, 2007
- BRINTON, R. H., *Actitudes cristianas ante la guerra y la paz*, Tecnos, Madrid, 1963
- BROCKELMAN, Paul, *Cosmologia e Criação*, Loyola, São Paulo, 2001
- BROOKE, J. H., *Religião e Ciência: Algumas Perspectivas Históricas*, Porto Editora, 2005
- CARVALHO, José Ornelas, “A utopia na paz da Bíblia”, in *Cadernos ISTA*, nº9, 2000, pp. 65-102
- CENTRO CULTURAL MOSAIKO, *Caminhos de Paz. Dia Mundial da Paz. 40 anos de mensagens 1968-2007*, Luanda, 2007
- COLLINS, F., *A Linguagem de Deus*, Editorial Presença, Lisboa, 2006
- COMISSÃO Independente População e Qualidade de Vida, *Cuidar o Futuro. Um programa radical para viver melhor*, Trinova Editora, Lisboa, 1998
- COMPAGNONI, Francesesco, O.P. and ALFORD, Helen, O.P. (ed.), *Preaching Justice. Dominican Contributions to Social Ethics in the Twentieth Century*, Dominican Publications, Dublin, 2007
- CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Dogmática «Gaudim et Spes»*

- CONSELHO ECUMÉNICO DAS IGREJAS, *Relatório de Upsala 1968* (Relatório ofical da Quarta Assembleia do Conselho Ecuménico das Igrejas, Upsala, 4-20 Julho de 1968), Genebra, 1969
- CONSELHO PONTIFÍCIO “Justiça e Paz”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Principia, Lisboa, 2005
- CHARDIN, P.T. de, *A Minha Fé. A Matéria e Deus*, Editorial Notícias, Lisboa, 1999
- CHOPRA, Deepak, *A Paz é o Caminho para acabar com a guerra e a violência*, Sinais de Fogo, Lisboa, 2007
- COSTE, René, *Théologie de la paix*, Paris, Cerf, 1997
- COSTE, René, *O Amor que transforma o Mundo. Teologia da Caridade*, Cáritas Portuguesa, Lisboa, 2011
- COSTE, René, *L’Église et la Paix*, Desclée, Paris, 1980
- COTTA, S., *Las raíces de la violencia. Una interpretación filosófica*, Eunsa, Pamplona, 1987
- CURADO, M., *Porquê Deus se temos a Ciência?*, Esfera do Caos, Lisboa, 2010
- DAJOZ, R., *Ecologia Geral*, Editora Vozes, Petrópolis, 1973
- DAVIES, P., *Deus e a Nova Física*, Edições 70, Lisboa, 1988
- DELORS, J. (ed.), *Educação, Um Tesouro a Descobrir*. Um Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI, ASA, Porto, 1996
- DINIS, A., “O progresso científico como categoria antropológica”, in *Comunicações* 2, 1996, pp. 37-58
- DINIS, A., “Por um novo modelo de saber”, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, 46/3, 1990, pp. 355-378
- DINIS, A., “Desafios do evolucionismo ao cristianismo”, in *Brotéria* 169/4, 2009, pp. 529-550
- DINIS, Alfredo e PAIVA, João, *Educação, Ciência e Religião*, Gradiva, 2010
- DOMINGUES, O.P. Frei Bento, *As Religiões e a Cultura da Paz*, 2º Volume, Figueirinhas, Porto, 2004
- DOMINGUES, O.P. Frei Bento, *As Religiões e a Cultura da Paz*, Figueirinhas, Porto, 2002
- DREES, W. B., “Criacionismo e evolução”, in *Concilium* 284/1, 2000, pp. 54-64
- DRIVER, Juan, *Une teología bíblica de la paz*, Semilla, Ciudad de Guatemala, 2003
- EINSTEIN, A., *Como Vejo a Ciência, a Religião e o Mundo*, Relógio d’Água, Lisboa, 2005
- ERASMO, *Guerre et Paix* (introdução e escolha de textos, comentários e notas de MARGOUN, J.C.), Aubier, Paris, 1973
- FARINHA, Paulo, “Os Cristãos face à não-violência”, in *Cadernos ISTA*, nº9, 2000, pp. 35-63
- FERNANDES, Rogério, “A paz ensina-se”, in *Cadernos ISTA*, nº9, 2000, pp. 31-33
- FLEW, Antony (com VARGHESE, Roy Abraham), *Deus não existe*, Aletheia, Lisboa, 2010

- FOHRER, Georg, *Estruturas teológicas fundamentais do Antigo Testamento*, Edições Paulinas, São Paulo, 1982
- FORMOSINHO, S. J. e BRANCO, J., *O Brotar da Criação. Um Olhar Dinâmico pela Ciência, a Filosofia e a Teologia*, Universidade Católica, Editora, Lisboa, 1997
- FRANÇA, Luís de, “Uma cultura para a paz”, in *Cadernos ISTA*, nº 9, 2000, pp.5-12
- GANDHI, *Lettres à l’Asham*, Albin Michel, Paris, 1960
- GANDHI, *Teoria e Pratica della non-Violenza*, Einaudi, Turim, 1973
- GIRETTE, J., *Je Cherche da Justice*, France-Empire, Paris, 1972
- GONÇALVES, Francolino, “Antigo Testamento e Direitos Humanos”, in *Cadernos do ISTA*, nº 6, 1998, pp. 33-52
- GONÇALVES, Francolino, “Bíblia e Natureza”, in *Cadernos ISTA*, nº 8, 1999, pp. 7-40
- GONÇALVES, Francolino, “Mundos Bíblicos”, in *Cadernos ISTA*, nº 18, 2005, pp.7-34
- GONÇALVES, Francolino, “Deux systèmes religieux dans l’Ancien Testament : de la concurrence à la convergence”, in *Annuaire de l’EPHE. Section des Sciences Religieuses*, t. 115 (2006-2007) 117-122
- GONÇALVES, Francolino, “Exílio babilónico de «Israel». Realidade histórica e propaganda”, in *Cadmo* 10, 2000, 167-196
- GRIBBIN, J., e REES, M., *Coincidências Cósmicas*, Europa-América, Mem Martins, 1991
- HAUGHT, John F., *Cristianismo e Evolução em 101 perguntas e respostas*, Gradiva, Lisboa, 2009
- HAWKING, S., *Brevíssima História do Tempo*, Gradiva, Lisboa, 2007
- IMBERNÓN, F. (ed.), *La educación en el siglo XXI. Los retos del futuro inmediato*, Editorial Graó, Barcelona, 1999
- JARES, X.R., *Construir a Paz. Cultura para a Paz*, Ediciones Xerais de Galícia, Vigo, 1996
- JARES, X.R., *Educación y Conflicto. Guía de Educación para la Convivencia*, Editorial Popular, Madrid, 2001
- JARES, X.R., *Educar para la Paz. Su Teoría y su Práctica*, Editorial Popular, Madrid, 1999
- JOÃO XXIII, *Pacem in Terris*, 1963, in *Dez Grandes Mensagens*, Perpétuo Socorro, Porto, 1974
- JONAS, H., *Le principe responsabilité. Une éthique pour la civilisation technologique*, Cerf, Paris, 1992
- KÜNG, Hans, *Proyecto de una ética mundial*, Trotta, Madrid, 1998
- LACROIX, J., *O Personalismo como Anti-ideologia*, Rés Editora, Porto, 1977
- LADRIÈRE, J., *A Hodierna Mentalidade Científica e a Fé Cristã*, Edições Paulinas, Apelação, 1975
- LEDERACH, J., *Educar para la paz*, Fontamara, Barcelona, 1984
- LENOIR, N., “La ética de la ciencia: entre humanismo y modernidad”, in UNESCO, *Informe Mundial sobre la Ciencia 1996*, Santillana/Ediciones UNESCO, Madrid, 1996, pp. 206-215

- LEON-DUFOUR, Xavier, *Dictionnaire du Nouveau Testament*, Seuil, Paris, 1975
- LEPRINCE-RINGUET, L., *Fé de Físico*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1998
- LOURENÇO, O., *Educar Hoje Crianças para o Amanhã*, Porto Editora, Porto, 1996
- LOWENSTEIN, F., *Incidencia de las condiciones ambientales sobre la salud humana. Ecología y Protección de la Naturaleza*, Barcelona, 1982
- LUCINI, F. G., *La educación como tarea humanizadora. De la teoría pedagógica a la práctica educativa*, Grupo Anaya, Madrid, 2001
- MACK, A., *Peace Research in the 1980*, The Strategic and Defence Studies Centre, Canberra, 1985
- MAHEU, R., *La civilisation de l'universel*, Laffont-Gonthier, 1966
- MAQUIAVEL, Nicolau, *Da Guerra e da Paz*, Coisas de Ler Edições, 2006
- MARQUES Viriato Soromenho, "Uma política para a grande mudança", in *Ambiente* 21, n.º 17, Agosto de 2004, pp. 50-51
- MARQUES Viriato Soromenho, "Emissões crescentes de gases com efeito de estufa", in *National Geographic Portugal*, edição especial, Setembro de 2004, pp. 11-12
- MARQUES Viriato Soromenho, "Conservação da natureza: Balanço e perspectivas", in *Ambiente* 21, n.º 16, Junho de 2004, pp. 54-55
- MARQUES Viriato Soromenho, "Uma política para a grande mudança", in *Ambiente* 21, n.º 17, Agosto de 2004, pp. 50-51
- MARQUES Viriato Soromenho, "Ambiente, cooperação e interesse nacional", in *Janus98-Anuário de Relações Exteriores - Suplemento Especial, Público - Universidade Autónoma de Lisboa*, Lisboa, Setembro de 1998, pp.30-31
- MARQUES Viriato Soromenho, "As facturas da próxima geração", in *Notícias do Milénio*, Grupo Lusomundo, Lisboa, 1999, pp.744-749
- MAYOR, Z. F., "Cultura de paz", in *Crítica*, n.º 815, Madrid, 1994
- MAYOR, Z. F., *A Nova Página*, Edições 70/Unesco, Lisboa, 1994
- MCGRATH, A., *O Deus de Dawkins*, Aletheia, Lisboa, 2008
- MONCLÚS, A. e SABÁN, C., *Educación para la paz. Contenidos y experiencias didácticas*, Editorial Síntesis, Madrid, 1999
- MONOD, J., *O Acaso e a Necessidade*, Europa-América, Mem Martins, 1972
- MONTEIRO, A., "Educação e paz", *Revista Educação*, n.º 1, vol. I, Dezembro 1986, Departamento de Educação da Faculdade de ciências da Universidade de Lisboa, 1986
- MONTESORI, M., *Educação e Paz*, Portugália, Queluz, (s.d)
- MORIN, E., *O Desafio do século XXI. Religar os Conhecimentos*, Instituto Piaget, Lisboa, 2001
- MULLER, J.M., *L'Évangile de la non-Violence*, Fayard, paris, 1969
- NOLAN, Albert, O.P. e O'Driscoll, Mary, O.P., *La Justicia y la Verdad se encontraran*, in *Cuadernos Verapaz*, nº1, San Esteban, Salamanca, 1987

- NOLAN, Albert, O.P., *Jesus, Hoje. Uma Espiritualidade de Liberdade Radical*, Paulinas, Lisboa, 2008
- OLIVEIRA MARTINS, Guilherme d' (editor científico com GARCÊS, Ana Paula), *Os Grandes Mestres da Estratégia. Estudos sobre o poder, a guerra e a paz*, Almedina, Coimbra, 2009
- OLIVEIRA MARTINS, Guilherme d', *Educação ou Barbárie?* Gradiva, Lisboa 1998
- OLIVEIRA MARTINS, Guilherme d', *Escola de Cidadãos*, Fragmentos, 1993
- OLIVEIRA MARTINS, Guilherme d', *Património, Herança e Memória: A cultura como criação*. Coleção Trajectos Portugueses, n.º 78, Gradiva, (Abril) 2009
- OLIVEIRA MARTINS, Guilherme d', *Sob o Signo dos Sinais dos Tempos – Cultura e antropologia*, texto cedido pelo autor.
- PANIKKAR, Raimon, *O Diálogo Indispensável. Paz entre as Religiões*, Zéfiro, Lisboa, 2007
- PANIKKAR, Raimon, *Intuição cosmoteândrica*, Editorial Notícias, Lisboa, 2002
- PANIKKAR, Raimon, *Paz y desarme cultural*, Sal Terrae, Santander, 1993
- PEGORARO, Olinto A., *Ética é Justiça*, Vozes, Petrópolis, 2000
- PEÑA, J. R. de la, *Teologia da Criação*, Loyola, São Paulo, 1986
- PEREIRA, D. C., *Nova Educação na Nova Ciência para a Nova Sociedade*, 1º vol, Editora da UP, Porto, 2007
- PEREÑA, L., *Bien común y paz dinámica*, Euramérica, Madrid, 1956
- POLKINGHORNE, J., *Ciencia y Teología. Una Introducción*, Sal Terrae, Santander, 2000
- POOLE, M., *Princípios e Valores na Educação Científica*, Instituto Piaget, Lisboa, 1995
- PUREZA, J. M., *Para Uma Cultura de Paz*, Quarteto Editora, Coimbra, 2001
- RAD, Gerherd von, *Teologia del Antiguo Testamento*, Vol. I, Sígueme, Salamanca, 1978
- RAWLS, J., *A Theory of justice*, Oxford University Press, Oxford, 1990
- RAWLS, J., *Justicia como equidad. Materiales para una teoría de la justicia*, Tecnos, Madrid, 1985
- RAYMO, C., *Cépticos e Crentes. As Surpreendentes Relações entre Ciência e Fé*, Âncora Editora, Lisboa, 1999
- REEVES, H., *A Hora do Deslumbramento. Terá o Universo um Sentido?*, Gradiva, Lisboa, 1986
- ROJO, M., *La educación para la paz y el inculturalismo como tema transversal*, Oikos-Tau, Barcelona, 1995
- RUSE, M., *Pode um Darwinista ser Cristão?*, Gatafunho, 2009
- RUSSEL, C. A., *Some Approaches to the History of Science. Science and Belief: From Copernicus to Darwin*, Open University Press, Milton Keynes, 1974
- SAMPAIO, Jorge, “O Direito e a Justiça”, in Sep. do *Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra*, «Stvdia Ivridica», nº 41, Coimbra, [s/d]

- SAMPAIO, Jorge, Prefácio a Frei Bento Domingues, *As religiões e a cultura da paz*, 1º volume, Mário Figueirinhas, Porto, 2002
- SAVATER, F., *El valor de educar*, Editorial Ariel, Barcelona, 1997
- SCHROEDER, G. L., *Deus e a Ciência*, Europa-América, Mem Martins, 1997
- SCHROEDER, G., *Deus e a Ciência. A Bíblia Explicada por um Cientista*, Europa-América, Mem Martins, 1999
- STANNARD, R., *Ciência e Religião*, Edições 70, Lisboa, 1996
- VASTO, Lanza del, *Peregrinação às Fontes*, Edições Sempre-em-pé, 2010
- VV.AA, *As Origens do Universo, da Vida, do Homem*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 1983
- VV.AA, *O Estado do Mundo*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2006
- WARD, K., *Deus, Fé e o Novo Milénio. A Crença Cristã na Idade da Ciência*, Europa-América, Mem Martins, 2000
- WARD, K., *Deus, o Acaso e a Necessidade*, Europa-América, Mem Martins, 1998
- Bíblia de Jerusalém*, EP, São Paulo, 1985
- Revista *Science & Vie*, Hors Série, 243, Juin 2008: *Air, eau, matières premières, biodiversité... Construire un monde durable*

Mensagens papais para o Dia Mundial da Paz (www.vatican.va)

Paulo VI

- 1968: *1º de Janeiro: Dia Mundial da Paz*
- 1969: *A promoção dos direitos do homem, caminho para a paz*
- 1970: *Educar para a paz através da reconciliação*
- 1971: *Cada homem é meu irmão*
- 1972: *Se queres a Paz, trabalha pela Justiça*
- 1973: *A paz é possível*
- 1974: *A paz também depende de ti*
- 1975: *A reconciliação, caminho para a paz*
- 1976: *As verdadeiras armas da paz*
- 1977: *Se queres a paz, defende a vida*
- 1978: *Não à violência, sim à paz*

João Paulo II

- 1979: *Para alcançar a paz, educar para a paz*
- 1980: *A verdade, a força da paz*
- 1981: *Para servir a paz, respeita a liberdade*
- 1982: *A paz: dom de Deus confiado aos homens!*

- 1983: *Diálogo para a paz, um desafio para o nosso tempo*
- 1984: *"De um coração novo nasce a paz"*
- 1985: *A paz e os jovens caminham juntos*
- 1986: *A paz é um valor sem fronteiras. Norte-sul, leste-oeste: uma só paz*
- 1987: *Desenvolvimento e solidariedade: duas chaves para a paz*
- 1988: *Liberdade religiosa condição para a sobrevivência pacífica*
- 1989: *Para construir a paz, respeitar as minorias*
- 1990: *Paz com Deus criador, paz com toda a criação*
- 1991: *Se queres a paz respeita a consciência de cada homem*
- 1992: *Os crentes unidos na construção da paz*
- 1993: *Se queres a paz, vai ao encontro dos pobres*
- 1994: *Da família nasce a paz da família humana*
- 1995: *Mulher, educadora de paz*
- 1996: *Dêmos às crianças, um futuro de paz*
- 1997: *Oferece o perdão, recebe a paz*
- 1998: *Da justiça de cada um nasce a paz para todos*
- 1999: *No respeito dos direitos humanos o segredo da verdadeira paz*
- 2000: *"Paz na terra aos homens, que Deus ama!"*
- 2001: *Diálogo entre as culturas, para uma civilização de amor e de paz*
- 2002: *Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão*
- 2003: *Pacem in terris, um compromisso permanente*
- 2004: *Um compromisso sempre actual, educar para a paz*
- 2005: *"Não te deixes vencer pelo mal, vence antes o mal com o bem"*

Bento XVI

- 2006: *Na verdade, a paz*
- 2007: *A pessoa humana, coração da paz*
- 2008: *Família humana, comunidade de paz*
- 2009: *Combater a pobreza, construir a paz*
- 2010: *Se quiseres cultivar a paz, preserva a criação*
- 2011: *Liberdade religiosa, caminho para a paz*